



GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO

ISABEL CRISTINA DE ALMEIDA BASTOS

Cultura Popular

NARRATIVAS DE DEVOÇÃO

POR SEUS MESTRES

CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM-ES

GENILDO COELHO HAUTEQUESTT FILHO
ISABEL CRISTINA DE ALMEIDA BASTOS

CULTURA POPULAR
Narrativas de devoção por seus mestres

1ª Edição

Cachoeiro de Itapemirim - ES
GRACAL Gráfica e Editora

2012

Catálogo elaborado por Maria Lúcia Damasceno Fernandes Nº de Registro:
ES-000238/0 - Biblioteca Municipal Major Walter dos Santos Paiva

H 32 h Hautequestt Filho, Genildo Coelho.
Cultura Popular: narrativas de devoção por seus mestres/
Genildo Coelho Hautequestt Filho, Isabel Cristina de Almeida
Bastos - Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2011.
150 p.

ISBN 978-85-65435-00-0

1. Folclore - Espírito Santo (Estado). 2. Folguedos - Espírito

Bastos, Isabel Cristina de Almeida. II Título.

CDD 398

Índices para catálogo sistemático:

1. Espírito Santo (Estado): Folclore 398.098152
2. Espírito Santo (Estado): Folguedos 398.098152
3. Espírito Santo (Estado): Cultura popular 306.098152

ASSOCIAÇÃO DE FOLCLORE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

PRESIDENTE

Maria Laurinda Adão

VICE PRESIDENTE

Izaías Quirino da Silva

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Niecina Ferreira de Paula Silva

SEGUNDO SECRETÁRIO

Rogério Vieira Machado

PRIMEIRO TESOUREIRO

Adílio Quirino da Silva

SEGUNDA TESOUREIRA

Erotildes Pereira da Silva

CONSELHO FISCAL

Wilson Diniz Cecon

Canuta Caetano

Romilson Laurindo da Silva

José Paulino da Silva

Eliziana Lobo da Silva

Adevalmira Adão Felipe

PESQUISA E TEXTO

Genildo Coelho Hautequestt Filho

Isabel Cristina de Almeida Bastos

PROJETO GRÁFICO / DIAGRAMAÇÃO

GRACAL Gráfica e Editora

FOTOGRAFIA

Dário Dias

REVISÃO DE TEXTO

Isabel Cristina de Almeida Bastos


Maria Elvira Tavares Costa

PREFÁCIO

Maria Elvira Tavares Costa

Genildo Coelho Hautequestt Filho, nascido em Cachoeiro de Itapemirim-ES, é Arquiteto Urbanista, Especialista em Arquitetura e Ambiente Urbano pela Universidade de Alfenas e Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo. Do ano de 1998 a 2008 foi o responsável pelo processo de gestão do patrimônio cultural do Sítio Histórico de Muqui. A partir do ano de 2000 iniciou o trabalho de fomento a organização dos grupos folclóricos de Cachoeiro, período em que iniciou os primeiros contatos com os grupos estudados. Atualmente atua como gestor dos projetos desenvolvidos pela Associação de Folclore de Cachoeiro.


Isabel Cristina de Almeida Bastos, nascida em Cachoeiro de Itapemirim-ES, é formada em Letras/Português pela Faculdade São Camilo e em Direito pela Faculdade de Direito de Cachoeiro de Itapemirim. A partir do ano de 2000 iniciou o trabalho de fomento a organização dos grupos folclóricos de Cachoeiro, período em que iniciou os primeiros contatos com os grupos estudados. Artista Plástica com participação e premiação em diversas exposições coletivas.



Este livro foi financiado pela
Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim
como parte do "Programa de Apoio à Cultura Popular - 2011",
Ministério da Cultura e Secretaria de Estado da Cultura, através do
convênio SECULT 015/2011 como ação do Ponto de Cultura do Folclore.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	09
NOTA DOS AUTORES.....	11
FOLCLORE.....	13
1 BATE FLECHAS DE SÃO SEBASTIÃO.....	15
2 CAPOEIRA.....	29
3 CAXAMBU.....	49
4 CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO.....	63
5 FOLIA DE REIS.....	81
6 MACULELÊ.....	107
7 SAMBA DE RODA.....	117
8 PUXADA DE REDE.....	127
GLOSSÁRIO.....	135



Passei na ponte,
a ponte estremeceu
Não sou mais do que ninguém
Ninguém é mais do que eu
(Jongo do Caxambu Santa Cruz, Monte Alegre)

PREFÁCIO

Este livro resulta do trabalho de intensa e dedicada pesquisa feita por Genildo Coelho e Isabel Bastos, trabalho de mais de uma década.

Isabel, como eu, foi introduzida nesse universo riquíssimo e literalmente maravilhoso, pelas mãos do mestre Genildo e soube acompanhar seus passos.

Apaixonado desde a infância pelas manifestações culturais populares, apesar do interdito de sua família tradicionalmente evangélica, Genildo enveredou-se por este caminho, com passos firmes e respeitosos. Muita coisa boa veio daí: desde suas conquistas no apoio à descrição, registro e preservação do patrimônio cultural de Muqui, até, especificamente em Cachoeiro, na criação e fortalecimento de importantes entidades, como as associações de artesanato e a Associação de Folclore.

Esse mundo, por ele assim descortinado, foi generosamente apresentado aos colegas de trabalho e aos seus alunos do curso de Turismo do Centro Universitário São Camilo, para falar menos. Isabel e eu tivemos outro privilégio: o de sermos introduzidas, por ele, no cotidiano dos mestres de nossas tradições populares, convívio capaz de enriquecer e transformar a

vida de qualquer pessoa. Certamente, somos muito gratas a ele por isso.

Trazendo registro perfeito, a partir de sua técnica e sensibilidade ímpares, o fotógrafo Dário Dias se faz presente nesta publicação. Dário aproximou-se da Cultura Popular quando fez conosco parceria para realização das fotos do calendário oficial da PMCI do ano de 2008, em homenagem aos nossos Mestres e ao poeta Newton Braga. Naquele momento, enquanto Diretora de Turismo, eu levantava bandeiras em defesa da divulgação e preservação de nossa identidade cultural. SEBRAE era o grande financiador. Genildo, parceiro no projeto. No mesmo ano, essas fotos transformaram-se em cartões postais e exposição fotográfica, que divulgaram nossos grupos folclóricos. Dário havia sido fiscado – a estrada estava aberta.

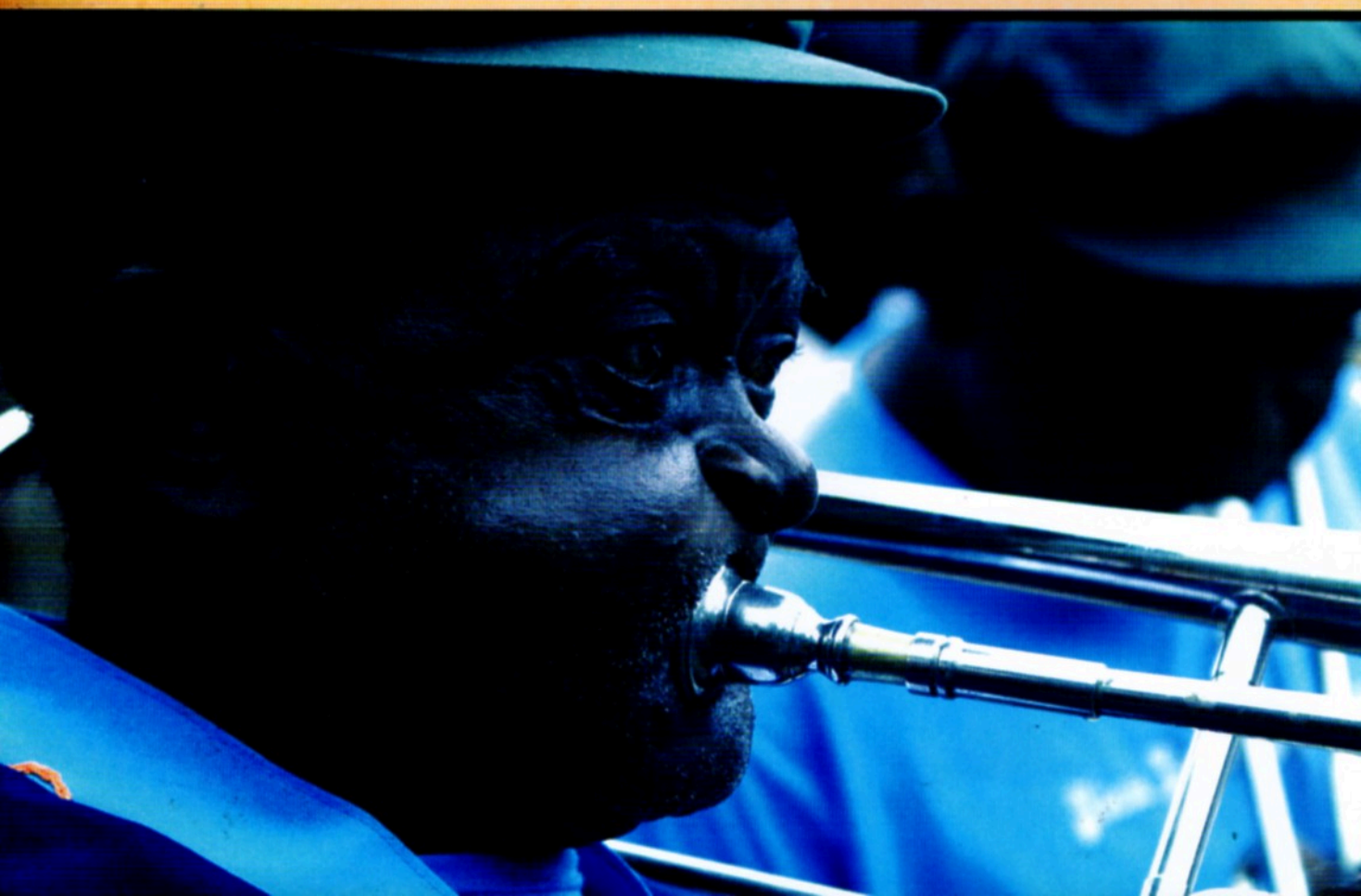
Fazer o registro de tais folguedos e manifestações é ação de maior grandeza, nesses tempos em que, cada vez mais, desvalorizamos nossas raízes para aplaudir e adotar identidades estrangeiras – está aí, a figura do Papai Noel que não nos deixa mentir: mito anglo-saxônico chegou com suas roupas vermelhas e brancas, de trenó e muita neve, instalando-se em nossas comemorações tropicais... e, roubou a cena

do Menino Jesus! A Folia de Reis, ela, sim, celebração da chegada da Luz, ficou esquecida em meio à disputa de tantos embrulhos que o chamado “bom velhinho” traz ou não traz – e, está cada vez mais óbvia, a perda do sentido místico em função do consumismo que passou a imperar nesta data. O fato é que nossas vidas podem ser enriquecidas pela presença dos nossos brincantes; pela sua simbologia original; pela alegria e pureza de nossas tradições.

Felizmente, Cachoeiro de Itapemirim preserva, ainda, grandes tesouros e, no que depender de Genildo e de nós, seus discípulos, nossos mestres poderão contar com estratégias e ferramentas que facilitarão sua divulgação e propagação. Que seja assim, para o bem da nossa Cultura e para o bem das novas gerações que, dessa forma, poderão crescer e se orgulhar de suas raízes.

MARIA ELVIRA TAVARES COSTA

Contadora de Histórias



NOTA DOS AUTORES

A execução desta obra tornou-se possível porque no dia 28 de novembro de 2001, oito grupos reuniram-se para criar a Associação de Folclore do Município de Cachoeiro de Itapemirim. No percurso entre 2001 e 2011 alguns importantes mestres faleceram, alguns grupos se desarticularam outros surgiram ou foram revitalizados. Atualmente a associação conta com dezesseis sócios titulares, nove sócios aspirantes e oito sócios colaboradores, pessoas de nossa cidade que prestam relevante contribuição para a preservação de nossa identidade.

O município de Cachoeiro de Itapemirim conta com um importante instrumento de preservação de nossos saberes populares, a Lei Municipal nº 5.388 de 17 de dezembro de 2002 (Lei de Registro do Patrimônio Vivo), apelidada de Lei Mestre João Inácio, que prevê a certificação de pessoas ou grupos de pessoas detentoras de saberes populares, como patrimônio imaterial cachoeirense e, a partir da certificação, o financiamento de atividades que propiciem a transmissão de seus saberes. A lei foi proposta pela Associação de Folclore, e imediatamente acatada pelo executivo e legislativo, porém, somente em 2010 foi colocada em prática. Atualmente, estão certificados dois grupos e dez mestres, que, juntamente com a Associação de Folclore, em 2011 desenvolveram cada um, um

tipo de atividade em sua respectiva comunidade. Dessa forma, a transmissão dos saberes por seus portadores encontra-se mais ativa e fortalecida.

Até os anos 50 do século XX, Cachoeiro era a cidade de maior influência no Estado – muito maior que a capital. O fim do ciclo do café, a transferência da capital federal do Rio para Brasília e a chegada de grandes empreendimentos a Vitória, como a Vale e o Porto de Tubarão deslocaram de Cachoeiro esse “boom” de crescimento e a condição de maior referência político-econômica estadual. Some-se a tudo isso, o êxodo rural, provocado pela decadência das fazendas de café, que trouxe para Cachoeiro toda essa mão de obra, então, desempregada. O crescimento populacional a partir da chegada desses “forasteiros” influenciou diretamente a cultura local, que passou a ser um caleidoscópio do sul capixaba. Esse é o motivo de tamanha riqueza e diversidade cultural. É isso que nos faz únicos e, ao mesmo tempo, um resumo de toda a cultura sul capixaba. Somos o município com a maior diversidade de folguedos do Espírito Santo, por isso se faz importante a leitura deste registro.

Boa leitura!

**Genildo Coelho Hautequestt Filho
Isabel Cristina de Almeida Bastos**



NOSSA

SENHORA

FOLCLORE

"A folia de reis, meu filho, vem do princípio do mundo." Essas palavras, proferidas de maneira solene e quase profética pelo saudoso mestre de folia de reis João Inácio, deixam claro o significado e a importância que o folclore tem na vida de seus portadores. Elas demonstram que o folclore é a expressão máxima do gênio criativo de nosso povo tendo como base a fé, o compromisso e a devoção que, juntos, consolidam nossa identidade.

O folclore também é alegria, impressa em suas festas, jornadas e celebrações, momentos em que nosso tão sofrido povo tem para expressar sua fé, encontrar-se, reencontrar-se e também se divertir. Folclore é sonho, alegria, confraternização e felicidade, sentimentos sem os quais não conseguimos sobreviver. Sem alegria, o povo adocece. Folclore, entre muitas coisas, é identidade, e identidade não se cria, se

fortalece. E, nesses nossos tempos de globalização, se não cuidada, se miscigena e enfraquece.

Os grandes portadores dos saberes e os maiores responsáveis por sua transmissão são os mestres. Ser mestre não significa necessariamente ser "velho", em Cachoeiro temos mestres muito jovens como Wilson Diniz Cecom, da Folia de Reis Missão Divina, que com apenas dezesseis anos de idade, sob a orientação do mestre Areno Francisco dos Santos assumiu seu compromisso, e hoje, com vinte e dois anos é um de nossos mais atuantes mestres. Não podemos, também, esquecer dos mais experientes como o Mestre Hyldo Caetano, carinhosamente chamado de Dom Gildo, do Caxambu Alegria de Viver de Vargem Alegre, hoje, com oitenta e um anos de idade, há sessenta e sete anos comandando os tambores de seu grupo.



**1 - BATE
FLECHAS
DE SÃO
SEBASTIÃO**



A ORIGEM DO FOLGUEDO

Os caboclos do início de século XIX desenvolviam em suas manifestações culturais, vários estilos de dança, herança da mistura de culturas distintas de seus ancestrais, índios e negros. O uso da **flecha** era empregado na dança realizada pelo grupo que comemorava, ao final do dia, o sucesso obtido nas colheitas e caçadas.

Em estilo próprio, os negros enriqueceram o ritual dando às **flechas** nova simbologia, tomaram para si a responsabilidade e o gosto em manter a tradição, conservando-a num contexto mais religioso que social. Já vinculada diretamente à religiosidade, a dança fortalece o espírito de grupo, concretizando conceitos: defesa, sobrevivência e autoestima – que andavam tão em baixa entre o povo negro da época.

A dança manifestava através de ritual próprio, o desejo subjacente de liberdade e respeito. O bate flechas louva **São Sebastião**, arquétipo do guerreiro, não obstante, cada grupo representar e homenagear outros santos de sua devoção.

A manifestação recebeu, portanto, grande influência do catolicismo cultural, também, santos populares como **Nossa Senhora Aparecida, São Cosme e São Damião, São Jorge, Nossa Senhora da Conceição, Menino Jesus de Praga**, entre outros. A ritualística baseia-se na história de **São Sebastião**, repassada às novas gerações na forma de tradição oral, apresentando, portanto, versões diferentes: **São Sebastião** era um soldado romano guerreiro que morreu em uma guerra santa amarrado em um tronco de oliveira, flechado por mouros; **São Sebastião** era um caboclo, que morreu na guerra, flechado por índios após ser amarrado em um tronco de laranjeira; **São Sebastião** era um índio, que morreu em uma guerra, flechado, amarrado em um tronco de bananeira. No entanto, para todos os mestres, o bate flechas é um ritual de cura e inspiração. Essas diversas interpretações tornam nossa cultura popular única.

A MÚSICA¹

Passada de pai para filhos, as letras conservam a estrutura e o tema acompanha-

1 - Os pontos aqui transcritos foram passados pelos mestres entrevistados, sendo que a maioria deles não se sabe a autoria.

dos da melodia que lembram uma mistura de cantos cristãos, negros e indígenas. Os versos curtos representam a literatura oral, incluindo rimas cruzadas que ajudam na memorização. Por apresentarem letras muito extensas, os grupos costumam cantar apenas três estrofes, acompanhados de suas respectivas bandas.

O tema, geralmente ligado à religiosidade, aborda o cotidiano, os costumes e o sofrimento da humanidade; fala também de tradições ligadas à cultura ancestral. O ritmo forte e cadenciado propicia a entrada dos fiéis em transe, o que é necessário para o cumprimento da ritualística da manifestação.

Virgem das graças eu te amo tanto

*Nas horas tristes da solidão,
Oh, Virgem das Graças!
Eu te amo tanto e cada vez,
Eu te quero amar.*

*Eu sou, eu sou,
Marinheiro eu sou.
Marinheiro da marinha,
Remo o barco devagar.*

*Marinheiro,
marinheiro só.*

*Quem te ensinou a navegar,
Marinheiro só.*

*Na hora da despedida,
Não quero que ninguém chora.
Vocês fica com Deus,
Eu vou com Nossa Senhora.*

*Quando eu entro no campo flecheiro,
Peço licença à Babá do terreiro.
Me dá licença meus caboclos,
Eu chamo caboclo flecheiro.*

*Caboclo panha sua flecha,
Pega seu bodoque.
O galo já cantou,
O galo já cantou na aruanda.
Vai-se embora que,
A sua umbanda te chama.*

*Caboclo lá das matas,
Que não fala com ninguém.
Afirma seu pensamento,
Caboclo das matas vem.*

(Ponto cedido pela mestra Niecina
Ferereira de Paula Silva, Dona Isolina)

Louvamos com alegria,
 À Deus que nos disseste.
 A fundação desse Centro,
 Foi no dia vinte e sete.

Viva, Viva, Viva! Mártir São Sebastião,
 Desse Centro é protetor.
 Protegeí todos os irmãos,
 E nosso diretor.

Vinte e sete de abril,
 Do ano de trinta e nove.
 Oh! Deus, nos há de vir,
 Porque sem vós nada move.

Viva, Viva, Viva! Mártir São Sebastião,
 Desse Centro é protetor.
 Protegeí todos os irmãos,
 E nosso diretor.

Louvamos a Deus lá na Glória,
 De Jesus meu Salvador.
 Os Santos nos dá vitória,
 Porque somos pecador.

Viva, Viva, Viva! Mártir São Sebastião,
 Desse Centro é protetor.
 Protegeí todos os irmãos,
 E nosso diretor.

Todos vamos ao Salvador,
 Que ele chama com carinho.
 Somos cegos pecadores,
 Oh! Deus ensina-nos o caminho.

Viva, Viva, Viva! Mártir São Sebastião,
 Desse Centro é protetor.
 Protegeí todos os irmãos,
 E nosso diretor.

Esse Centro é um colégio,
 Das lições do Salvador.
 Venham todos os irmãos,
 Aprenderem o que é amor.

Eu sou São Sebastião,
 De Mártir, sou vosso protetor.
 Chamo todos os irmãos,
 Junto a Deus, com o Diretor.

(Letra de José Antônio da Silva, ofereci-
 das ao Diretor do Centro Espírita Már-
 tir São Sebastião de Alto Paulista em 10
 de abril de 1979)

A DANÇA

No início do século XX, o bate flechas era cantado e acompanhado apenas por palmas e flautas de taquara; hoje, é acompanhado por uma pequena banda, inserida à medida que os músicos foram compondo o grupo, para embelezar e harmonizar a apresentação. Os instrumentos utilizados são: o pistão, o trombone, o chocalho, o tarol, o bombardino, o contra-baixo, a zabumba, o prato e a caixa.

Sinais orientam a dança, desde a entrada dos componentes na roda até a saída. Os dançarinos alinham-se aos pares, um de frente para o outro, em círculo, e vão batendo as **flechas**, entrecruzando-as no ar, da direita para a esquerda e vice-versa.

Homens, mulheres e crianças participam da dança devidamente vestidos, porém descalços, em homenagem a seus ancestrais. Após a bênção dada pelo mestre ou pelo obreiro no centro, o grupo parte em direção ao cruzeiro, ao som da banda e sob o comando do mestre, dá-se início à dança. Ao final, as flechas sagradas são novamen-

te depositadas aos pés do cruzeiro.

A dança faz parte do ritual da **umbanda**² que é praticado nos centros espíritas e esotéricos, a cada quinze dias sempre aos domingos. No passado, o bate flechas era praticado apenas como parte do ritual, atualmente alguns centros têm licença de seus guias para realizarem apresentações culturais fora dos espaços de culto.

A INDUMENTÁRIA

As roupas são confeccionadas pelos próprios participantes do grupo: as mulheres usam saia branca rodada, com anágua ou bata de renda, também branca; na cabeça, lenço branco. Os homens usam calça comprida, sapatos, camisa e quepe branco na cabeça.

Entretanto, não existe rigidez na cor da roupa que também pode ser verde ou vermelha, cores atribuídas a **São Sebastião**; todavia, na cabeça, sempre se usa o branco. As crianças usam saias rodadas e batas mais curtas, dançam descalças e não usam nada na cabeça. Vestidos desta forma, os

2 - Alguns adeptos não se auto-identificam como umbandistas e sim como espíritas esoteristas.

componentes batem as flechas com grande entusiasmo numa atitude de louvor e respeito à tradição.

Elemento importante na indumentária feminina é uma pequena toalha que fica pendurada entre a saia e o corpo e que tem como função secar o suor. Homens e mulheres, de acordo com sua hierarquia no grupo, utilizam no pescoço a toalha de santo na cor branca com rendas nas extremidades e bordados com símbolos cristãos normalmente na cor vermelha. A toalha dá dignidade a quem a usa. É um signo do respeito devido pelos mais jovens a eles.

Originalmente os grupos utilizavam **flechas** de madeira esculpida medindo aproximadamente 60 centímetros da ponta ao suporte. Com o decorrer do tempo e as dificuldades surgidas, elas foram substituídas por galhos de café (cafezinho do mato) que são roliços e fortes, do qual se retira apenas a casca, medindo aproximadamente 80 centímetros. As **flechas** dos flecheiros, se encontravam em uma só batida no ar, na evolução atual da dança, as mesmas além de encontrar-se no ar

também são batidas no chão.

A beleza das **flechas** batendo em posições cadenciadas e a disciplina dos componentes, somadas à bela plástica da manifestação, fazem do bate flechas de São Sebastião uma das mais emocionantes e significativas manifestações folclórico-religiosas do Brasil.

A **bandeira** é um instrumento sagrado, levada à frente do grupo com o objetivo de identificá-lo. Nela se encontra, bordada, colada ou pintada, a imagem do santo de devoção do grupo e o nome da casa de oração. Alguns grupos levam à frente três bandeiras, sendo sempre uma de maior dimensão que identifica o centro espírita³. Normalmente as bandeiras são carregadas pelos responsáveis pela casa, mestre ou mestra. É também comum que à frente das procissões dos grupos, a bandeira do Brasil ganhe destaque.

A JORNADA

Dentre as obrigações dos grupos de bate flechas destaca-se a visita, à qual se dá o

3 - Alguns grupos preferem chamar seus espaços de culto de "casa de oração".

nome de **jornada**. A **jornada** é feita de acordo com o número de grupos de **jornaleiros** que forem recebidos em sua festa. No Zumbi, a festa máxima acontece no dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida; em Alto Paulista, no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião; e, em Pacotuba, no dia 8 de dezembro⁴, dia de Nossa Senhora da Conceição. Se, por algum motivo, um grupo não puder retribuir a visita, a corrente é quebrada e só poderá ser restabelecida quando a visita for retribuída.

A festa acontece o dia inteiro, sendo que alguns grupos costumam chegar na noite que antecede aos festejos. Quando os **jornaleiros** chegam, eles se formam em duas filas e soltam fogos para comunicar a sua chegada. O grupo local, tendo como líder o mestre festeiro, sai batendo as **flechas** e tocando os instrumentos para recebê-los. Ao se encontrarem, os grupos trocam suas bandeiras e seguem batendo as **flechas** cadenciadamente, ao som das duas bandas que passam a tocar no mesmo ritmo, em direção ao cruzeiro localizado sempre na frente do **centro espírita**. Após diversas voltas, sempre

batendo suas **flechas**, entram na casa de oração onde as **bandeiras** são destrocadas após muitas músicas e rezas.

Quatro são os elementos fundamentais nos encontros de bate flechas: *a música; a dança*, que é praticada quase à exaustão pelos grupos; *a comida*, elemento ritualístico e de conagração fundamental entre os grupos; e *a procissão*, quando os grupos saem do templo e realizam um percurso pré-definido. Este é o momento de maior integração com a comunidade na qual estão inseridos.

O encontro de bate flechas, que acontece desde 1978 no Zumbi, é o maior evento do gênero realizado no Espírito Santo, atraindo mais de vinte e sete grupos de **jornaleiros** que totalizam, aproximadamente, 1.500 visitantes. O encontro de Alto Paulista teve sua primeira edição no ano de 1973 e, atualmente, reúne dez grupos de **jornaleiros**.

O MESTRE

Seguindo postura secular, ao mestre cabe a função de entoar cantos (chama-

4 - Quando essas datas caem no meio da semana elas são comemoradas no final de semana mais próximo, com exceção do dia 12 de outubro que é feriado nacional.

dos de pontos); impor mudanças rítmicas e melódicas; imprimir disciplina e marcar apresentações para o grupo. A liderança nata é reconhecida pela comunidade, através da reverência com pedidos de bênçãos. A continuidade do trabalho é passada de pai para filho, porém, alguns critérios são estabelecidos para escolha do suposto mestre fora da família, como: o conhecimento e profundo respeito pela manifestação. A escolha é natural, mas, ainda não existiu, nos grupos pesquisados, a necessidade de passar a liderança para pessoa que não pertença à família do mestre.

As informações sobre o bate flechas aqui transcritas nos foram passadas por Niecina Ferreira de Paula Silva, a Dona Isojina, mestra do grupo de Bate flechas de São Sebastião Menino Jesus do bairro Zumbi; Izaías Quirino da Silva e Adílio Quirino da Silva, mestres do Grupo de Bate Flechas de São Sebastião de Alto Paulista, Distrito de Burarama; Tereza Gomes de Souza, mestra do Grupo de Bate Flechas de São Sebastião do distrito de Pacotuba; e Terezinha de Jesus de Oliveira Francisco mestra do bate flechas de São Sebastião do Zumbi.













2 - CAPOEIRA



A ORIGEM DO FOLGUEDO

A Capoeira, o Maculelê, o Samba de Roda e a Puxada de Rede, são **folguedos** de origem africana, derivados do Lundum, trazido para o Brasil pelos negros provenientes de Angola. Aqui sofreu influência européia, principalmente de ritmos e danças portuguesas e espanholas.

Apesar de, no Recôncavo Baiano, os folguedos serem praticados separadamente, no Sudeste são praticados em conjunto, pelos grupos de capoeira, tendo como principal objetivo a preservação dessas tradições.

Mais de dois milhões de negros foram trazidos da África pelos colonizadores portugueses para se tornarem escravos nas lavouras de cana de açúcar; na mineração aurífera nas Minas Gerais; e, posteriormente, nas lavouras de café. Obrigados a cruzar o oceano, transportados como se fossem animais, nos chamados “navios negreiros”, aportaram principalmente em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro, principais portos do Brasil Colonial. No Espírito Santo, os principais portos de recepção de

escravos foram São Mateus, no norte; Vitória na região central; e Itapemirim no sul; sendo o maior traficante de escravos do estado, o Barão de Itapemirim – uma das figuras mais proeminentes de nossa história.

Nascida para ser uma defesa, a capoeira surgiu da ânsia de liberdade dos cativos africanos, sendo ensinada aos escravos por negros fugitivos que capturados voltavam aos engenhos. Para não levantarem suspeitas, os movimentos da luta foram adaptados às cantorias africanas, de modo a parecer uma dança (samba de roda); assim, cercada de segredos como o candomblé, a capoeira pôde se desenvolver como forma de resistência.

Do campo para a cidade a capoeira ganhou a malícia dos escravos de “ganho” e dos frequentadores das zonas portuárias. Na cidade de Salvador, capoeiristas organizados em bandos provocavam arruaças nas festas populares e reforçavam o caráter marginal da luta. Durante décadas, a capoeira foi proibida no Brasil, através do Decreto Executivo 847 de 1890:

“Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas

exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – de prisão celular por dous a seis mezes.

Paragrapho unico. E' considerado circunstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro."

(Fonte:http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=847&tipo_norma=DEC&data=18901011&link=s, acesso em 16 de outubro de 2011.)

No Rio de Janeiro, a Casa da Tia Ciata, que abrigava o candomblé, a capoeira e o samba, passou a ser um reduto de resistência cultural negra. A capoeira só seria liberada no Governo do Presidente Getúlio Vargas, em 1937, depois que o trabalho do mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), em Salvador, criou a capoeira regional com um caráter mais desportivo que cultural.

Após a liberação de sua prática, a capoeira aperfeiçoou-se mantendo duas linhagens distintas: a **Angola** que teve em Vicente Ferreira Pastinha o seu maior representante e a **Regional**, criada pelo Mestre Bimba.

Em Cachoeiro de Itapemirim, as rodas tradicionais aconteciam a partir de 1940, nas proximidades da antiga Estação Ferroviária; do Mercado Municipal; do Mercado da Pedra; e do antigo Porto do Cachoeiro. Segundo relatos, anteriormente a esse período, a capoeiragem também era praticada em comunidades remanescentes de quilombos como Monte Alegre e Vargem Alegre. No entanto, o primeiro mestre a transmitir seus conhecimentos de forma organizada foi "José Geraldo" e, posteriormente, os mestres "Tigre" e "Diabo Louro". A Associação Cultural e Educacional Filhos da Princesa do Sul foi fundada em 1979 pelos mestres "Gervásio" e "João Tobogân". O segundo grupo, a Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Navio Negreiro, foi criada pelo Mestre "Falcão" em 1992. Posteriormente foram criados os grupos Libertação, em 2001, pelo Mestrando "Russão";

Mocambos, em 2009, pelo Mestrando Bulldog; e a Associação Cultural Artística Popular Orientada ao Esporte e de Incentivo às Raízes Afro-brasileiras – A C.a.p.o.e.i.r.a, em 2010, pelo professor Gustavo Cunha Tavares – todos esses grupos permanecem ativos.

Uma das maiores tradições da capoeira, mantidas até a atualidade, é a adoção de apelidos. Como a prática era proibida por lei, os apelidos eram usados como forma de camuflar os praticantes para que, caso fossem presos ou investigados, não fossem identificados pelas autoridades policiais.

CAPOEIRA ANGOLA

É o tipo de capoeira mais antigo e tradicional, considerado a primeira linhagem da capoeiragem do Brasil, tendo como maior representante o Mestre Pastinha. O nome Angola foi escolhido como forma de homenagear a grande maioria étnica dos escravos aportados em Salvador, os angolanos.

O jogo de Angola é mais lento, mais

próximo do solo, porém de muita malícia e destreza. Considerado uma criação brasileira, mas, preservando traços da africanidade, principalmente pelo ritmo das músicas e pelos instrumentos utilizados.

Tradicionalmente a Capoeira Angola era aprendida informalmente durante as rodas, sendo passada de pai (mestre) para filho (aluno), com toda a malícia e mandinga africana.

Na Capoeira Angola não se usa graduação, a tradicional troca de corda, apenas títulos que são dados em ocasiões especiais em que o aluno completa determinadas fases de treinamento ou tempo de prática: trenel, aluno já tem dez anos de prática e pode dar aula sob orientação de um mestre; contramestre, aluno que tem, comprovadamente, 20 anos ininterruptos de prática, sendo o substituto direto do mestre em caso de algum tipo de impedimento; e mestre que deverá ter no mínimo 30 anos de prática de capoeira.

A principal característica da Capoeira Angola é a “chamada de passo a dois” –

momento em que o capoeirista, cansado ou em situação de inferioridade, estende os braços chamando o adversário para o “passo a dois”, que pode ser usado como estratégia de recuperação das energias ou mesmo para desmontar uma entrada de ataque do adversário. Os principais movimentos são de defesa (negativas), ataque (cabeçada e rabo de arraia) e desequilibrantes (bandas e rasteiras). Existem alguns movimentos que são muito parecidos nas duas linhagens: como o rabo de arraia na Angola e o meia lua de compasso na Regional.

CAPOEIRA REGIONAL

Criada em Salvador em 1937 pelo Mestre Bimba, tem como principais características o uso de roupa branca, o hábito de ser praticada descalço e a entrega de graduações. Primeira modalidade a ser ensinada em recintos fechados, tendo recebido um alvará da Secretaria de Educação Cultura e Assistência Pública de Salvador.

O nome Capoeira Regional foi dado, a princípio, por ser praticada somente na região de Salvador, mas acabou sendo di-

fundida pelo Brasil e pelo mundo, sendo atualmente a modalidade mais praticada.

Inicialmente, como símbolos de graduação, eram utilizados os esguiões, lenços de seda usados no pescoço, por ser a seda o único material que a navalha não conseguia cortar. Como se tratava de uma prática de certa forma “marginal”, seus praticantes utilizam em suas lutas, as navalhas como armas. As cores indicavam a graduação do capoeirista eram: azul (formado), amarelo (formado especializado), vermelho (contramestre) e branco (mestre). Porém, a partir de 1930, os lenços passaram a ser apenas uma simbologia preservada pela academia do mestre Bimba. Quando os capoeiristas se apresentavam nas academias, os lenços eram guardados em uma caixa e de lá só eram retirados após o jogo.

A partir de 1972, já no Rio de Janeiro, o mestre Mendonça criou o primeiro sistema de graduação amarrado na cintura que seguia as cores da bandeira nacional, sempre de fora para dentro: verde, para quem tinha um ano de prática; verde e amarelo, para quem tinha dois anos; amarelo, para

quem tinha três anos; amarelo e azul, para quem tinha quatro anos; azul, para quem tinha cinco anos; verde, amarelo e azul, para quem tinha seis anos; verde e branco, para quem tinha dez anos; amarelo e branco, para quem tinha vinte anos; azul e branco, para quem tinha trinta anos; e branco, para quem tinha quarenta anos.

Atualmente, a Confederação Brasileira de Capoeira reorganizou o sistema de graduação que passou a ser de seis o número de graduações infantis; e onze o de graduações, na categoria adulto.

As graduações infantis são dadas por idade, dos sete aos doze anos, após seis meses de prática: cores verde e cinza, para criança com sete anos de idade; amarelo e cinza, para criança com oito anos; azul e cinza, para criança com nove anos; verde, amarelo e cinza, para criança com dez anos; verde, azul e cinza, para criança com onze anos e; amarelo, azul e cinza, para criança com doze anos.

Para os adultos as graduações são dadas

a partir dos treze anos de idade, mas, o critério não é a idade e sim o tempo de prática: verde, para quem tem um ano de prática; amarelo, para quem tem um ano e seis meses; azul, para quem tem dois anos; verde e amarelo, para quem tem três anos, já considerado graduado, verde e azul, para quem tem quatro anos, considerado intermediário; amarelo e azul, para quem tem cinco anos, considerado estagiário; verde, amarelo e azul, para quem tem sete anos, considerado formado; branco e verde, para quem tem oito anos, considerado monitor; branco e amarelo, para quem tem treze anos, considerado instrutor; branco e azul, para quem tem dezoito anos, considerado contramestre e; branco, para quem tem vinte e três anos, considerado mestre, grau máximo da capoeira.

Os principais golpes da Capoeira Regional são: ataque (martelo, armada, queixada, meia lua de compasso e bênção), defesa (palma, cocorinha e negativas), projeções (balão cinturado, balão de lado e gravata alta).

A MÚSICA⁵

Todos os folguedos utilizam a música como elemento fundamental. É ela que comunica, dá o ritmo às danças e, no caso da capoeira, à luta. São suas letras que descorrinam as devoções dos capoeiristas.

A capoeira é a única modalidade de luta que necessita de acompanhamento rítmico, musical e instrumental. Vários são os tipos de cantigas: ladainhas, quadras, chulas, corridos e martelos.

A ladainha é o canto com o qual se inicia a roda da Capoeira Angola, onde o capoeirista, através de versos, pede proteção ao santo ou orixá de sua devoção. Caso o capoeirista esteja visitando outro grupo ela também pode ser usada como saudação ou cumprimento. O ritmo é lento e solene.

Agora aqui cheguei, (bis)
A todos eu vim louvar,
Vou louvar a Deus primeiro,
e os moradores deste lugar.
A todos eu estou cantando,
Cantando o meu louvor,

Vou louvando a Jesus Cristo,
O Deus pai que nos criou.
Deus abençõe essa cidade,
Com todos os seus moradores,
E na roda de capoeira,
Deus abençõe os jogadores, camaradinho.
Iêh! Viva meu Deus, (solista)
Iêh! Viva meu Deus camará. (coro)
(Mestre João Pequeno)

As quadras são cantigas de quatro versos, usadas para abrir as rodas da Capoeira Regional. Elas servem apenas para abrir e não para jogar. Seu ritmo é mais rápido do que o da ladainha.

Menino quem foi teu mestre? (bis)
Meu mestre foi Salomão.
Sou discípulo que aprendo,
Sou mestre que dá lição.

O mestre que me ensinou,
Tá no Engenho da Conceição.
A ele devo é o dinheiro,
Saúde e obrigação.

Segredo de São Cosme,
Quem sabe é São Damião, camará.

5 - As letras de todas as músicas foram passadas pelos mestres de capoeira entrevistados durante a pesquisa.

Água de beber, (solista)
Êe água de beber camará. (coro)
(Mestre Bimba)

As chulas são músicas cantadas em tom moderado onde o solista conta histórias de personagens da capoeira ou fatos históricos ocorridos em épocas passadas, seu ritmo é cadenciado e de longa duração.

*Aconteceu, até hoje ainda me lembro,
 Foi numa tarde de novembro.
 Sofrendo durante meses,
 Numa sexta feira treze,
 Mestre Pastinha morreu.*

*Mas para ele, a morte foi alforria,
 Que o livrou da agonia,
 De tristeza e solidão.
 Chorou menino, chorou fraco e chorou bruto,
 Capoeira está de luto, pois perdeu seu guardião.*

*Adeus Pastinha, pra você rezo uma prece,
 pois sei que você merece.
 Vai com Deus descanse em paz!
 Na capoeira, teve fama e teve glória,
 Seu nome ficou na história,
 Eu não te esquecerei jamais.*

Viva Pastinha! (solista)
Iêh! Viva Pastinha camará! (coro)

Os corridos são pequenos versos repetidos em forma de coro como resposta dos brincantes ao solista. O ritmo é harmonioso e constante na Capoeira Angola e mais rápido na Capoeira Regional.

Ai, ai, ai, ai São Bento me chama. (solista)
Ai, ai, ai, ai, (coro)
São Bento me quer. (solista)
Ai, ai, ai, ai, (coro)
Pra jogar capoeira. (solista)
Ai, ai, ai, ai, (coro)
Lá na praça da Sé. (solista)

Os martelos são cantigas em forma de desafio e provocação de um capoeirista para outro. Os versos deverão terminar em rimas.

Se quiser saber meu nome, (bis)
*Não precisa perguntar.
 Sou filho da cobra verde,
 Neto da cobra coral.
 O meu bote é certo,
 O meu veneno é mortal.*

Cobra coral, cobra coral,
Cobra miudinha e o veneno é mortal.

Outras músicas cantadas pelos grupos
de capoeira de Cachoeiro de Itapemirim:

Ê Dona Alice não me pega não,
Não me pegue, não me agarre, não me pegue não.

Ê Dona Alice não me pegue não, (coro)
Não me pegue, não me agarre, não me pegue não.

Ê Dona Alice não me pegue não.

Canarinho da Alemanha que matou meu curió,
Quem tem fé em Deus nunca cai em bozó.

Ê, canarinho da Alemanha que matou meu curió,
Eu jogo capoeira, mas Pastinha é o maior.

Ê, canarinho da Alemanha que matou meu curió,
O segredo da lua quem sabe é o clarão do sol.

Ê, canarinho da Alemanha que matou meu curió,
Eu jogo capoeira na Bahia e em Maceió.

Quando eu morrer me enterre na lapinha, (bis)
Calça, culote, paletó e almofadinha. (bis)

Adeus Bahia, zum, zum, zum, cordão de ouro,
Eu vou partir porque mataram seu Besouro.

Ê, zum, zum, zum, ê Besouro, (coro)

Ê, zum, zum, zum, cordão de ouro. (coro)

Xô, xô, meu canário,
Meu canário é cantador.

Xô, xô, meu canário,
Foi embora e me deixou. (coro)
Meu canário é da Alemanha, (coro)
Nego véio também apanha. (coro)

Vá dizer a meu senhor,
Que a manteiga derramou.

A manteiga não é minha,
A manteiga é de ioiô.

Vá dizer a meu senhor,
Que a manteiga derramou.

A canoa virou marinheiro,
E no fundo do mar tem dinheiro.
A canoa virou marinheiro, (coro)
E no fundo do mar tem dinheiro.

Na Capoeira Angola, são usados oito instrumentos: três berimbaus com tonalidades diferentes, **gunga** (grave), **médio** e **viola** (agudo), dois **pandeiros** de couro com aro de madeira, um **atabaque**, um **reco-reco** e um **agogô**.

Na Capoeira Regional, são usados como instrumentos um **atabaque**, um **berimbau**

médio e dois **pandeiros** de couro. Sendo que na linhagem do mestre Bimba o **berimbau** fica no meio e os pandeiros nas laterais em formação conhecida como charanga. O uso da palma é obrigatório, são três batidas repetidas em sequência contínua.

Na Capoeira Angola, as cantigas começam com uma ladainha (só pode cantar uma ladainha por roda) e seguem para os cantos corridos. Não se usam as palmas, pois podem atrapalhar o andamento do ritmo. Já na Capoeira Regional, as cantigas começam com uma quadra e seguem para os cantos corridos.

A RODA

A capoeira não possui passos de dança por tratar-se de uma luta. A manifestação acontece em uma grande roda onde dois integrantes se desafiam. Para entrar na roda os capoeiristas agacham-se próximo aos atabaques, em reverência aos mesmos, fazem o sinal da cruz, e, só depois, dirigem-se ao meio da roda para lutar.

Os principais movimentos são: os de de-

fesa, de ataque e os desequilibrantes, a principal diferença entre a Regional e a Angola é que a primeira é mais rápida e segunda mais lenta, com movimentos próximos ao solo.

A INDUMENTÁRIA

Na Capoeira Angola a indumentária é calça preta e camisa amarela, seguindo a linhagem do mestre Pastinha (seu maior representante). Na linhagem de outros mestres, calça branca e a camisa azul, os pés sempre calçados, por ser originalmente praticada nas ruas. Já na Capoeira Regional a roupa é branca e joga-se descalço. Como as mulheres eram proibidas de usar calça elas só foram inseridas no folguedo a partir do trabalho do mestre Bimba.

Um elemento importante da indumentária é a corda que marca a graduação dos praticantes. Outro aspecto importante, assimilado recentemente, é a impressão da logomarca, nas camisas e nas calças, com o nome do grupo que o lutador faz parte. Essas logomarcas têm o nome ou apelido dos mestres do grupo.

O BATIZADO

Como em todos os folguedos, a festa, chamada de batizado, é um dos principais momentos de confraternização da capoeira quando todos os alunos do grupo encontram-se para a troca de cordas. É comum participarem do evento mestres de outros grupos que são convidados e recebidos com grande honraria e respeito.

Normalmente o evento dura um dia inteiro e, atualmente, acontece em locais cobertos como quadras e ginásios de esportes.

O MESTRE

O respeito pelos mais velhos e mais experientes, juntamente com a rígida disciplina, são os maiores ensinamentos do folguedo. É o mestre quem dá a última palavra. Somente ele está autorizado a permitir a troca da corda dos alunos.

De todos os folguedos que estudamos no município de Cachoeiro de Itapemirim, esse é o que tem o mais rígido e organizado sistema de transmissão de conhecimentos. Aqui, de fato, é seguido o princípio de que receber o título de mestre o capoeirista deve ter no mínimo trinta anos de prática comprovada de capoeira.

As informações sobre os folguedos aqui transcritas nos foram passadas pelos mestres Aldeci Gomes da Silva – Falcão, da Associação Desportiva e Cultural Navio Negreiro; Paulo Henrique Silva Monteiro – Paulinho, Volmir do Nascimento Melo e Airton da Silva Paulo da Associação Cultural e Educacional Filhos da Princesa do Sul; pelos mestrados Jurandir Pinheiro Junior – Russão, da Associação de Cultura esporte Liberdade; Diogo Sant’Ana Fardin – Bulldog, da Associação Cultural Mocambos Capoeira; e pelo instrutor Joadir de Oliveira – Nego Show Associação de Cultura e Esporte Liberdade.

















3 - CAXAMBU



A ORIGEM DO FOLGUEDO

No tempo do cativeiro, exaustos e necessitados de lazer depois de um dia de trabalho, enquanto os senhores dormiam, os negros brincavam às escondidas, fazendo ironia aos fazendeiros e capatazes com jongs desafiadores e fortes batidas nas caixas preparadas para a festa. Buscavam, nas letras debochadas, um alento para extravasar a revolta pelos maus tratos que lhes eram impostos durante o dia. Criativos e festeiros “brincavam” muitas vezes até o amanhecer, quando retornavam ao trabalho.

Dada a notícia da abolição oficial e definitiva da escravidão, muitos negros juntaram-se nas ruas a comemorar, dançando, cantando e tocando em seus caixotes. A partir desta data o **caxambu** tornou-se uma constante nas madrugadas – os caixotes foram substituídos por tambores.

*Princesa foi simhora,
Escreveu no papelão.
Quem quisé comê,
Trabalhe com suas mãos.*

(Jongo cantado pelo grupo de Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre)

Segundo a tradição oral, até meados do século XX os caxambus eram comandados apenas por homens e dele só podiam participar adultos. As crianças eram excluídas, pois os grupos estavam sempre ligados à **umbanda** onde eram praticados rituais mágicos e aconteciam milagres.

Com o passar dos anos, tendo as mulheres assumido os grupos, os rituais de magia começaram a cair em desuso e o caxambu passou a ser praticado apenas como brincadeira pelas comunidades; assim, as crianças começaram a participar dos folguedos.

Algumas histórias fabulosas são recorrentes nos grupos pesquisados: uma delas conta que uma bananeira era plantada, nascia, crescia, dava fruto e os frutos eram colhidos e comidos pelos integrantes do grupo numa mesma noite; outra conta que, após tirar uma lasca com facão do barrote que sustentava o **centro espírita**, da fenda saía vinho que era bebido por todos.

A MÚSICA⁶

No início, eram referências pejorativas a senhores de engenho e seus capatazes. Os negros ironizavam e debochavam de seus algozes através dos **jongos** improvisados, com versos simples, em forma de redondilhas de fácil memorização que encantavam pelo tema abordado. A mudança no contexto acarretou a modificação dos temas improvisados, não perdendo a sutileza, porém, retratando o sentimento do momento, os jongueiros expõem o cotidiano, criam temas de agradecimentos, exaltam as belezas do município, cantam a amizade e criam versos lembrando a saga do povo brasileiro em geral. Os mais atentos poderão gravar as letras que certamente não será repetida da mesma forma já que o improvisado é o grande enigma da manifestação.

Nos **terreiros** de **umbanda** os jongos podem ser chamados de “**pontos**” que têm a mesma característica, porém mais focados na exaltação

dos santos de devoção do mesmo **terreiro**.

Para que uma roda seja aberta, é cantado o jongo pedindo a bênção da Santíssima Trindade. Esse jongo sempre é tirado pelo mestre do grupo:

Aê, aê, aê, aê,

Pai, Filho, Espírito Santo.

Aê, aê, aê, aê,

Na hora de Deus amém.

Aê, aê, aê,

Pai, Filho, Espírito Santo, (bis)

Na hora de Deus amém. (bis)

(Caxambu Santa Cruz)

Posteriormente os **caxambuzeiros** vão tirando jongos que podem falar do cotidiano da comunidade, ser irônicos, ou mandar algum recado para alguém que está presente na roda:

Saí de casa na noite de sexta-feira. (bis)

Minha mãe morreu domingo,

eu nasci segunda-feira. (bis)

(Caxambu Santa Cruz)

6 - As letras dos jongos foram passadas pelos mestres de caxambu entrevistados durante a pesquisa.

*Tatu tá cavucando,
A terra tá sumindo. (bis)
Perguntei o Mestre Jongueiro,
Pra onde a terra tá indo? (bis)*
(Caxambu Santa Cruz)

*Eu vim aqui que mandaram me chamar, (bis)
Vou deixar recordação pro povo desse lugar. (bis)*
(Caxambu Santa Cruz)

*Galo cantou no terrero de Alexandre,
Nunca vi galo piqueno, cantá no terrero grande!*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Rosalina, Rosalina, Rosalina,
Seu eu fosse casada chorava.*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Ê baiana vem cá vem,
Me ajudá eu cantar.
Que a meia noite eu vou embora,
Tambor de mina faz divisa com Carangola.*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Escrevi jongo fraco
Por que é uma diversão*

*Mais o caxambu tem jongo sério
Que não é brinquedo não*
(Caxambu da Velha Rita)

*Tu não mexe comigo não,
Tu não mexe comigo não,
Tu não mexe comigo não,
Caninana não mexe comigo não.*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Eu mando na pamba,
Mais a pamba não manda.*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Pisei na areia fina,
Deixei meu rastro pra traís.
Eu gostava muito,
Agora não gosto mais.*
(Caxambu Santa Cruz)

Também estão sempre presentes jongs
que falam do sofrimento do cativo e da
liberdade:

*No tempo da escravidão,
Preto velho não tinha valô.*

*Sendo em cima do toco,
Rezando uma prece pra nosso senhor.*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*No tempo do cativoiro,
Como o senhor me batia.
Eu gritava por Nossa Senhora,
Ai meu Deus, ai como o chicote doía!*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Me dá licença pra eu correr seu corpo inteiro, (bis)
Pra ver se tem a marca do tempo do cativoiro. (bis)*
(Caxambu Santa Cruz)

*Tô chegando e não posso demorar,
Eu vim da senzala porque gosto de dançar.*
(Caxambu da Velha Rita)

*Tava dormindo, o senhor me chamou (bis)
Acorda negro cativoiro se acabou (bis)*
(Caxambu Santa Cruz)

*Tava dormindo o tambor me acordou,
Levanta negro, cativoiro acabou!*
(Caxambu Alegria de Viver, Vargem Alegre)

*Sou nega sim, escrava não,
A princesa Izabel nos deu libertação.*
(Caxambu da Velha Rita)

Para encerrar, sempre é cantado um jongo de despedida, que tem como objetivo fechar a roda:

*Adeus, adeus, meus filhos, eu vou simhora.
Vocês fica com Deus, que eu vou com Nossa Senhora.*
(Caxambu Santa Cruz)

Normalmente os grupos utilizam como instrumentos apenas dois tambores: **caxambu** (o maior, que tem como função “chamar”) e **candongueiro** (o menor que tem como função “responder”). Os tambores eram feitos com troncos de goiabeiras ocas, que depois de passar por limpeza interna eram colocadas ao sol para secar. Na extremidade da madeira é esticado couro de boi anteriormente raspado e depois de seco esticado nas bordas. Após alguns dias de secagem ao sol, os tambores estão prontos para uma rápida lavagem de cachaça e colocados diante da fogueira acesa para esquentar e para descansar, dando assim maior afinação ao mesmo e possibilitando propagação de som mais envolvente. Antes de cada apresentação os tambores devem ficar algum tempo esquentando para esticarem o couro, garantindo aos batedores maciez e propagação do som a quilômetros de distância, no entanto, de

acordo com a tradição, após a meia noite os tambores não precisam ser esquentados.

O Grupo de Caxambu Alegria de Viver de Vargem Alegre também utiliza um chocalho como instrumento. Já o Caxambu da Velha Rita no Zumbi, utiliza atabaques como instrumentos de percussão.

Existem registros de outros grupos já extintos em Cachoeiro que utilizavam três tambores, sendo que o de tamanho intermediário chamava-se candongo. Outros tambores que merecem destaque são os do grupo do falecido Mestre Salatiel, em formato de cálice, possuindo uma base na parte inferior que tem como objetivo fixar os tambores na terra durante a brincadeira.

A DANÇA

A dança acontece tradicionalmente ao lado de uma fogueira que deve ser acesa com antecedência e sempre num mesmo local da comunidade. Em Monte Alegre, próxima a uma grande árvore no centro da comunidade; e em Vargem Alegre, próxima à casa da

Mestra Canuta Caetano.

Não existe número determinado de pessoas para “brincar” o caxambu. Uma grande roda é formada, na qual os dois **caxambuzeiros** têm seus lugares específicos onde tocam os tambores até o fim da dança. Tocar tambor, normalmente é uma função masculina, no entanto, em Monte Alegre, Dona Adevalmira Adão Felipe, “Cumadi Ilinha” é quem comanda os tambores, sendo no Estado do Espírito Santo, a única mulher a exercer essa função.

O mestre inicia a roda pedindo licença à santíssima trindade, com uma mão sobre os tambores e cantando um jongo que será puxado, primeiro pelo mestre, depois repetido em coro por todos os componentes da roda que acompanham cantando e marcando o ritmo com palmas. Enquanto o mestre dança no centro da roda escolhe uma pessoa, a qual convida para dançar; ao aceitar o convite do mestre, a pessoa dança com rodopios e pequenos saltos e volta para o seu lugar. O mestre retoma seu lugar, ao centro, e convida outra pessoa, e assim o convite é feito a todos os participantes da roda.

Quando é convidado para roda, o **jongueiro** pode parar os tambores e lançar um desafio em forma de **jongo** (verso) que é cantado por todos sendo interpretado por outro jongueiro que lança outro desafio até que a roda seja encerrada. Para lançar um novo desafio os tambores são parados, momento em que o **jongo** é cantado pelo **jongueiro** e depois repetido por todos, que acompanham a brincadeira com palmas cadenciadas ao ritmo dos tambores.

Todas as pessoas podem participar da dança, entretanto, o **jongo** é reservado aos **jongueiros** já treinados e conhecedores dos mistérios (segredos e enigmas) da brincadeira. Caso algum convidado sinta-se a vontade para entoar algum **jongo**, deverá, em respeito ao mestre, pedir licença. No entanto, se esse **jongo** for desrespeitoso, outro **jongo** pode ser lançado e aquele que cometeu a falta fica amarrado (preso) na roda até que outro possa soltá-lo com outro **jongo**, ou com uma oração muito forte.

O encanto da dança está no fato de todos serem chamados a dançar no centro da roda, onde entre palmas e o toque dos tam-

bores – há um místico envolvimento que relaxa e alegra a todos os presentes.

A INDUMENTÁRIA

Como o caxambu, com o passar dos anos, tornou-se uma brincadeira da qual todos da comunidade podem participar e divertirem-se, não existe uma roupa específica para o grupo. No entanto, a roupa deverá sempre ser a melhor, pois se trata de um momento especial. Mestres antigos relatam que os homens vestiam ternos de linho branco com chapéus de palha e as mulheres usavam suas melhores roupas, só eram permitidas saias, de preferência as bem rodadas. Um detalhe importante é que para entrar na roda o participante deverá estar descalço.

Atualmente os grupos, como forma de diferenciação e de organização, usam nas apresentações públicas roupas próprias as quais chamam de “uniforme”. As roupas não possuem um padrão fixo, no entanto, a regra é que os homens devem usar calça comprida e as mulheres saias bem rodadas. O tipo de tecido perdeu a importância, al-

guns grupos usam rendas e algodão cru; outros, cetim de coloração forte; e, outros, chitão. Elementos importantes da indumentária feminina são os colares multicoloridos e pulseiras; em alguns grupos, são usados turbantes.

A FESTA

Originalmente praticado nas senzalas, de acordo com a tradição oral, somente a partir do “raiar da liberdade” (abolição da escravidão) no dia 13 de maio de 1888, é que a brincadeira começou a ser praticada ao ar livre.

Para brincar, não é preciso um motivo específico: qualquer evento, seja casamento, batizado, festa do santo padroeiro, ou presença de visita ilustre, é motivo de festa. A única exigência é que seja durante a noite e após acesa a fogueira ao centro do terreiro.

Como já dissemos, a festa acontece sempre ao lado da fogueira que tem três finalidades, a de “afinar” os tambores, a de iluminar as noites escuras e a de aquecer as noites frias. Sem a fogueira não há como realizar a festa.

O principal evento dos três grupos em atividade no município acontece no dia 13 de maio, sendo que o Caxambu da Velha Rita no Zumbi, ao contrário dos demais, só acontece neste dia.

O MESTRE

Nos grupos de caxambu, os mestres têm a função de liderança e sacerdócio. Nem sempre o mestre é o integrante mais velho do grupo, e sim aquele que recebe a missão de seus pais e a conduz até o falecimento. Cada grupo, em atividade em Cachoeiro, possui um mestre principal e outros, que apesar de também exercerem a liderança e de possuírem o conhecimento, submetem-se à hierarquia do mestre principal.

Uma das principais características dos grupos de Cachoeiro e do Espírito Santo é a liderança feminina que começou a se impor principalmente após 1960.

As informações sobre o caxambu aqui transcritas nos foram passadas por Canuta Caetano, Pedro Paulo Caetano, Hyldo

Caitano, Luizia Caetano e Ormyr Caetano mestres do Caxambu Alegria de Viver de Vargem Alegre, distrito de São Vicente; Maria Laurinda Adão, Adevalmira Adão

mes Ventura, mestres do Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre, distrito de Pacotuba; e Niecina Ferreira de Paula Silva, a Dona Isolina mestra do Caxambu da Velha Rita, do Bairro Zumbi.











4 - CHAROLA DE SÃO SEBASTIÃO



A ORIGEM DO FOLGUEDO

Conta a história que o Rei Diocleciano⁷ motivado pela inveja mandou matar o mais competente e amado soldado do exército romano, Sebastião, comandante respeitado e admirado por seus soldados, foi morto por seu próprio exército em uma cilada armada pelo rei. Jogado no mato, ficou oito dias e oito noites, morto, sem que seu corpo entrasse em estado de decomposição. Ressuscitou, retomou sua vida já com poderes de um “iluminado” realizando curas e fazendo trabalho de caridade – o qual foi designado ao reencontro com seu povo de origem, os puris, povo que vivia isolado nas matas brasileiras e que hostilizava qualquer estranho que se aproximava de suas terras.

Ao aproximar-se da tribo não foi reconhecido por seus irmãos, devido o afastamento com seu povo ter sido feito quando ele ainda era muito novo, e por não ter sido reconhecido, foi atacado por flechas e amarrado em um galho de goiabeira onde os ín-

dios dançavam ao seu redor comemorando a vitória sobre o que eles consideravam um inimigo. Posteriormente descobriram sua verdadeira origem. O guerreiro, morto pela segunda vez não mais ressuscitou. Canonizado pela igreja católica São Sebastião é exaltado por seus inúmeros milagres.

A Charola representa a homenagem prestada pelos descendentes dos índios puris e pelos soldados que amavam a São Sebastião, em sinal de arrependimento pelo que fizeram com seu irmão e comandante⁸.

O grupo da Charola é composto por dezesseis componentes, a saber: o **mestre**, o **contramestre**, o **bandeireiro**, os foliões e as dançarinas, todos eles são considerados soldados de São Sebastião e exercem funções distintas: ao **mestre** cabe a direção do grupo e a condução das toadas através de seu **apito**; ao **contramestre** a função de substituir o mestre em seus impedimentos; o **bandeireiro** vai à frente do cortejo levando a bandeira do “**Mártir São Sebastião**”; os foliões são responsáveis por tocar os

7 - Imperador romano de 284 a 305, Caio Aurélio Valério Diocleciano foi um dos maiores perseguidores do cristianismo em sua época. Atribui-se a ele o julgamento, a condenação e as “duas” mortes de São Sebastião.

8 - Trata-se da versão difundida oralmente entre os grupos pesquisados. Na verdade, São Sebastião viveu entre os anos 256 e 286 e o Brasil, onde viviam os índios puris, só foi descoberto no ano de 1500.

instrumentos musicais, função que também tem o **mestre e contramestre**, dentre eles destaca-se o sanfoneiro que conduz as toadas; as dançarinas são cinco meninas que realizam passos coreografados no meio da roda.

Atualmente o único grupo em atividade no Espírito Santo é a Charola de São Sebastião de Alto Paulista, distrito de Burarama, da família Quirino da Silva.

A MÚSICA⁹

A música é elemento fundamental no folguedo uma vez que é através de suas letras que os soldados-foliões contam a história da vida e do martírio de **São Sebastião**. Na atual configuração do grupo são utilizados como instrumentos: violão, viola, cavaquinho, bumbo, caixa, triângulo, acordeão e pandeiro.

Os versos homenageiam o santo contando seus feitos heróicos, exaltando-o como bom guerreiro e lembrando seu sofrimento, sua primeira morte, sua ressurrei-

ção, sua morte definitiva e, posteriormente, os grandes milagres que operou e opera na vida das pessoas.

Quando chega em uma casa, o grupo canta uma **toada** anunciando sua chegada e pedindo à família que abra sua porta para receber a **jornada**:

*Meu Senhor dono da casa, ai, ai,
Escutai nobre Senhor, ai, ai,
Na chegada em sua casa, ai, ai,
São Sebastião martizador, ai, ai.*

*Na chegada em sua casa, ai, ai,
As pastorinhas da serra, ai, ai,
Vem trazer bonita nova, ai, ai,
Que já há Jesus na terra, ai, ai.*

*Meu Senhor dono da casa, ai, ai,
Vem pegar nossa bandeira, ai, ai,
Que nós estamos viajando, ai, ai,
Guiado por uma estrela, ai, ai.*

*Deus lhe salve, boa gente, ai, ai,
Que tem sua devoção, ai, ai,
Na chegada em sua casa, ai, ai,
O marti São Sebastião, ai, ai.*

⁹ - As letras das toadas aqui transcritas foram repassadas pelo mestre e contramestre do grupo e encontram-se, também, na íntegra no CD "Toadas da Charola de São Sebastião de Alto Paulista" gravado com o apoio da Associação de Folclore de Cachoeiro e com o patrocínio da Lei Municipal Rubem Braga.

Eu já dei a boa nova, ai, ai,
 Que aqui tinha que dar, ai, ai,
 Agora peço licença, ai, ai,
 Na sua casa entrar, ai, ai.

Abençoada foi a mão,
 Que pegou nossa bandeira, (2x)
 E eu saúdo o dono da casa,
 Com a sua família inteira. (2x)

Se recebido pela família, o grupo pede
 licença para que a bandeira possa entrar na
 casa para abençoá-la:

Para que a bandeira permaneça na casa
 alguém deverá pegá-la:

A bandeira veio lhe ver,
 Em toda casa vem chegando. (2x)
 Vem saber quem é devoto,
 É dando viva um novo ano. (2x)

Vós pegou nesta bandeira,
 Repará quem nela está. (2x)
 É o mártir São Sebastião,
 Ele hoje veio lhe visitar. (2x)

O senhor dono da casa, (2x)
 Nós queremos agradecer.
 De aceitar nossa bandeira,
 Que de nós a recebeu. (2x)

A bandeira pede oferta,
 Mas não é por precisão. (2x)
 Estamos cumprindo uma promessa,
 Que temos por devoção. (2x)

Quem pegou nessa bandeira,
 Oh Virgem Maria, ai, ai,
 Foi uma nobre Senhora,
 Oh Virgem Maria, ai, ai.
 É de ser bem ajudado,
 Oh Virgem Maria, ai, ai,
 Da virgem nossa Senhora,
 Oh Virgem Maria, ai, ai.

Quem pegou nessa bandeira,
 Oh Virgem Maria, ai, ai,
 Foi uma senhora de idade,
 Oh Virgem Maria, ai, ai.
 Deus dá muitos anos de vida,
 Oh Virgem Maria, ai, ai,
 E muita felicidade,
 Oh Virgem Maria, ai, ai.

Quem pegou nessa bandeira,
 Oh Virgem Maria, ai, ai,

*Foi uma menina de bom porte,
Oh Virgem Maria, ai, ai.
Deus lhe dá felicidade,
Oh Virgem Maria, ai, ai,
E também uma boa sorte,
Oh Virgem Maria, ai, ai.*

*Quem pegou nessa bandeira,
Oh Virgem Maria, ai, ai,
Uma criança inocente,
Oh Virgem Maria, ai, ai.
Deus lhe dá uma boa sorte,
Oh Virgem Maria, ai, ai,
E dá muita inteligência,
Oh Virgem Maria, ai, ai.*

*Abençoada foi a mão,
Oh Virgem Maria, ai, ai,
Que pegou nessa bandeira,
Oh Virgem Maria, ai, ai.
São Sebastião me abençoa,
Oh Virgem Maria, ai, ai,
Com toda família inteira,
Oh Virgem Maria, ai, ai.*

Após esse momento o grupo enaltece o
“enfeite da bandeira” e quem a enfeitou:

*Abençoada foi a mão, Deus lhe salve, Deus lhe salve
Que na bandeira enfeitou, Deus lhe salve...
É de ser bem enfeitada, Deus lhe salve, Deus lhe salve
Nos pés de nosso Senhor, Deus lhe salve...*

*Quem enfeitou nossa bandeira,
Deus lhe salve, Deus lhe salve
Na bandeira pôs a mão, Deus lhe salve...
Mostrando que é devoto,
Deus lhe salve, Deus lhe salve
Do mártir São Sebastião, Deus lhe salve...*

*Há que mão abençoada,
Deus lhe salve, Deus lhe salve
Que enfeitou nossa bandeira, Deus lhe salve...
É de ser bem enfeitada,
Deus lhe salve, Deus lhe salve
Lá na glória verdadeira, Deus lhe salve...*

Tendo acabado a exaltação à bandeira, o
grupo canta o nascimento e padecimento
de São Sebastião:

*Foi em vinte de janeiro,
Que nasceu São Sebastião.*

Foi encerrada a sua vida,
Nessa mesma ocasião.

Quem reza este mistério,
Que presta bem atenção.
É que vem como uma inveja,
E virá perseguição.

O dono deste reinado,
Era Diocleciano.
Que matava todo soldado,
Os que fosse agradoando.

Em Roma ele foi nascido,
Em Roma ele foi criado.
Pelo Imperador Romano,
São Sebastião foi educado.

De repente veio a inveja,
E a terrível perseguição.
Mandado do imperador,
Prenderam São Sebastião.

Era um soldado guerreiro,
Defensor da humanidade.
Escarneceu São Sebastião,

Na tamanha crueldade.

Mandado do imperador,
Mataram São Sebastião.
Com oito dias depois,
Ressuscitou São Sebastião.

Depois que ressuscitou,
Ele entrou pro mar adentro.
Com sua espada na mão,
Comandando o regimento.

E comandando o regimento,
Com a sua espada na mão.
Em Roma ele foi sargento,
De Tenente e a Capitão.

O mártir São Sebastião,
Foi soldado destemido.
Foste preso e amarrado,
Trás no seu peito ferida.

O mártir São Sebastião,
Com a sua chaga não fecha.
Trás no seu peito ferido,
Todo traçado de flecha.

Na baina do imbé,
Aonde os puri se escondeu.
O mártir São Sebastião,
Por ser santo não mereceu.

Naquele centro de mata,
Prenderam São Sebastião.
No jardim das oliveira,
Na terra dos seus irmãos.

O mártir São Sebastião,
Ele é protetor da terra.
Ele mesmo é que nos livra,
Da fome peste e da guerra.

O mártir São Sebastião,
É um Santo glorioso.
Ajuda na nossa luta,
Para ser vitorioso.

O mártir São Sebastião,
Foi soldado de vitória.
Foi soldado aqui na terra,
Hoje é santo lá na glória.

O mártir São Sebastião,

No toco da goiabeira.
Pra remir nossos pecados,
No jardim das oliveira.

O mártir São Sebastião,
Foi marrado com uma corda.
Pra remir nossos pecado,
Senhor Deus misericórdia.

Bendito e louvado seja,
Este santo glorioso.
Que nos livra de todo mal,
Deste mal contagioso.

O mártir São Sebastião,
Com a nossa santa espada.
Depois da guerra vencida,
Deixou na terá gravada.

O mártir São Sebastião,
Com a divina e santa espada.
E depois que venceu a guerra,
Ele quebrou a sua espada.

E bendito louvado seja,
Este Santo verdadeiro.

*É o nosso defensor,
Este soldado Guerreiro.*

*E bendito e louvado seja,
O senhor daquela cruz.
Nos livrai de todo mal,
Para sempre amém Jesus.*

Após cantar a vida e morte do santo, o grupo faz uma pausa para cear com a família, esse é o momento da grande confraternização entre os moradores da casa e os foliões. Ao final da ceia o grupo retoma sua formação para agradecer a alimentação:

*Oh meu Deus me dá memória,
São hora de agradecer.
Quem reza este mistério,
Todo haverá de ter.*

*Lá do céu desceu um anjo,
Trazendo bandeira branca.
É que vem agradecer,
Esta sua mesa branca.
Lá na mesa dos apóstolos,
Muita gente alimentou.*

*São Pedro partiu o pão,
Jesus Cristo é quem mandou.*

*Jesus Cristo abençoou,
São Pedro partiu o pão.
E todos se alimentaram,
Com três peixes e sete pão.*

*Lá na mesa dos apóstolos,
Tanta gente se alimentou.
E todos ficaram cheio,
Sete cesto ainda sobrou.
Jesus Cristo abençoou,
São Pedro partiu o pão.
Foi tão pouco alimento,
Deu pra toda multidão.*

*Com obra do Pai Eterno,
Jesus Cristo Salvador.
E todos se alimentaram,
Do resto que lá ficou.*

*Deus lhe pague o alimento,
Que matou a nossa fome.
Tá na mesa dos apóstolos,
É o manjar que os anjos come.*

Deus lhe pague o alimento,
Que vós deu pros folião.
É de ser bem ajudado,
Do mártir São Sebastião.

Deus lhe paga o alimento,
Que vós deu pros folião.
Quando lá para o céu subir,
Os anjos lhe dará a mão.

Após esse momento, o dono da casa oferece uma oferta à bandeira e prontamente o grupo agradece a oferta recebida:

Oh Deus lhe pague pela oferta, ai... (2x)
Que vós deu nossa bandeira, ai... (2x)
É de ser bem ajudado, ai...
Pelo mártir das oliveiras, ai...

Deus lhe pague pela oferta, ai...
Que vós deu de coração, ai...
É de ser bem ajudado, ai...
Pelo mártir São Sebastião, ai...

A oferta que vós deu, ai...
E ela não fica perdida, ai... (2x)
Deus te dá felicidade, ai... (2x)
E muitos anos de vida, ai... (2x)
Deus lhe pague pela oferta, ai...
Que tirou da sua despesa, ai... (2x)

Aqui na terra será pobre, ai... (2x)
Lá no céu terá riqueza, ai... (2x)

A oferta que vós deu, ai...
Que do seu bolso tirou, ai...
É de ser bem ajudado, ai...
São Sebastião martisador. ai... (2x)

Agradeço a sua oferta, ai... (2x)
Que ainda está na sua mão, ai... (2x)
Quando lá pro céu subir, ai... (2x)
Os anjos lhe dará a mão, ai...

Para que o grupo possa continuar a jornada eles cantam a "despedida da bandeira na casa" pedindo que ela seja devolvida para que possam prosseguir:

Senhora dona da casa,
Vem trazer nossa bandeira.
Que nós tamo viajando,
Guiado por uma estrela.
Ai, ai, ai, guiado por uma estrela. (2x)

A bandeira vai embora,
Com pena de ti deixar.
Ela mesmo lhe convida,
Pra ir com ela passear.
Ai, ai, ai, pra ir com ela passear. (2x)

Senhora dona da casa,
Entrega nossa bandeira.
Que ela é, a nossa guia,
E, é a nossa companheira.
Ai, ai, ai, e, é a nossa companheira. (2x)

A bandeira se despede,
Rezando salve rainha.
Vocês fica convidado,
Paro dia da ladainha.
Ai, ai, ai, paro dia da ladainha. (2x)

A bandeira se despede,
Rezando Ave Maria.
A hora da ladainha,
Dia vinte ao meio dia.
Ai, ai ai, dia vinte ao meio dia. (2x)

A bandeira se despede,
Dando adeus para o povo.
Nela mesmo está escrito,
Que ela votará de novo.
Ai, ai, ai, que ela votará de novo. (2x)

Bendito louvado seja,
Este Santo verdadeiro.
O dia da ladainha,
É o dia vinte de janeiro.
Ai, ai, ai, é o dia vinte de janeiro. (2x)

Até a volta gente nobre,
Gente de bom coração.
Vocês fica todos com Deus,
Nós vamo com São Sebastião.
Ai, ai, ai, nós vamo com São Sebastião.

Agora vamo-se embora.
Vocês fica todos com Deus,
Nós vamos com nossa Senhora.
Ai, ai, ai, nós vamo com nossa Senhora.

Até a volta gente nobre,
Até paro ano que vem.
Se a morte não matar,
E os anjos disser amém.
Ai, ai, ai, e os anjos disser amém. (2x)

A JORNADA

A jornada tem início no dia seis de janeiro ao meio dia e encerra-se no dia vinte de janeiro também ao meio dia, quando acontece a festa da entrega da **bandeira**. Antes de iniciarem a jornada, ainda no altar da casa de oração, os componentes da Charola fazem uma prece pedindo a Deus e a **São Sebastião** proteção e sucesso em sua caminhada. Após preces e cantoria o grupo sai em jornada de casa em casa cantando a vida e o padecimento do "**Mártir São Sebastião**". Ao final da

jornada acontece a entrega da **bandeira** que é uma grande festa na qual o grupo recebe muitos visitantes.

A INDUMENTÁRIA

O **fardamento** do grupo é muito simples: os homens usam calça comprida azul claro; camisa de botão branca e, sobre ela, um colete azul mais escuro que a calça; na cabeça, uma coroa azul decorada com espelhos. As mulheres usam calça comprida e camisa de manga comprida branca; sobre os ombros, uma “vestia” preta decorada com espelhos e com fitas coloridas que chegam até próximo ao chão; na cabeça, uma coroa preta decorada com espelhos.

A FESTA

Ao final da **jornada**, a charola realiza uma grande festa para a entrega da **bandeira**. O evento acontece durante um dia inteiro e reúne grande quantidade de grupos de bate flechas de São Sebastião, a lhes visitar. Ao chegar, o grupo visitante se forma e solta fogos. Nesse momento, o grupo da casa vai ao seu encontro tocando e ba-

tendo suas **flechas**, após a troca das **bandeiras** eles seguem até o interior da casa de oração onde realizam seus rituais de fé em devoção a **São Sebastião**. A partir das onze horas é servido um almoço comunitário para todos os visitantes.

O ponto alto da festa é o momento em que acontece a entrega da **bandeira** da charola ao “**Mártir São Sebastião**” marcando o final da **jornada** e o ano de bênçãos alcançadas por todos os seus integrantes. Embora a tradição mande que a entrega seja feita ao meio dia, na prática ela acaba acontecendo por volta das quatorze horas. Nesse momento é cantada a seguinte toada:

*Vou entregar nossa bandeira, ô, lá, lá,
Ao mártir São Sebastião, ô, lê...
Que ela seja a nossa guia, ô, lá, lá,
E a nossa proteção, ô, lê...*

*Vou entregar nossa bandeira, ô, lá, lá,
Aos Três Reis do oriente, ô, lê...
Que seja a nossa proteção, ô, lá, lá,
Esteja sempre em nossa frente, ô, lê...*

*Entrego nossa bandeira, ô, lá, lá,
Até pro ano que vem, ô, lê...*

*Se a morte não matar, ô, lá, lá,
E os anjos disser amém, ô, lê...*

*Entrega nossa bandeira, ô, lá, lá,
Ao nosso senhor Jesus, ô, lê...
Nos livra de todo mal, ô, lá, lá,
Para sempre amém Jesus, ô, lê...*

O MESTRE

O grupo em atividade possui uma organização muito particular, sendo comanda-

do pelo mestre Izaías Quirino da Silva que, além de ser o patriarca da família, é a grande liderança espiritual da casa de oração, que congrega a Charola. São atributos do mestre: dignidade, respeito, sabedoria e liderança.

As informações a respeito do folguedo foram passadas pelo Mestre Izaías Quirino da Silva, pelo contramestre Adílio Quirino da Silva e Erotildes Pereira da Silva, integrantes da Charola de São Sebastião de Alto Paulista.





NASCIMENTO
DO
MENINO
- JESUS









5 - FOLIA DE REIS



A ORIGEM DO FOLGUEDO

A folia de reis é uma tradição católica italiana que chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses e se espalhou por todo o país - em especial na região sudeste, onde podemos encontrar o maior número de grupos em atividade. Tem por missão contar, a partir dos relatos bíblicos, a história do Deus Menino: desde as profecias do Antigo Testamento, o nascimento na manjedoura de Belém, a visita dos Três Reis Magos, a fuga para o Egito até as futuras provas que culminarão na morte pela cruz.

Com característica totalmente religiosa e católica, a folia de reis é bem recebida pela Igreja que reconhece a simbologia do folguedo. No entanto, a manifestação também foi acolhida pelas religiões de matrizes africanas como a **umbanda** e o **candomblé**.

Em Cachoeiro, os grupos são compostos por doze foliões, sendo: um **mestre**, que comanda a folia; um **contramestre**, que é seu braço direito e também quem o substitui; um **bandeireiro** que vai à frente do cortejo

levando a bandeira dos Três Reis Magos; e nove "tocadores" de instrumentos. Cada um dos doze **foliões** representa um dos apóstolos de Cristo. Nas folias também se destaca a figura do **palhaço**, normalmente dois, que, seguindo a tradição, possuem um significado dubio: para alguns eles significam os soldados que o Rei Herodes enviou para que matassem os meninos recém nascidos; para outros, simbolizam os soldados que se rebelaram e tentavam proteger o Menino Jesus da matança ordenada pelo rei. Para ser palhaço é necessário que se faça uma promessa e que se permaneça fiel, como tal, durante sete anos sob pena de ser confundido com o diabo, amargando sete anos de azar.

Outra característica que enriquece as apresentações dos grupos de folias são os "desafios". Quando duas folias se encontram durante a **jornada**, **bandeira** com **bandeira**, um mestre desafia o outro. Perde o desafio aquele que não conseguir dar continuidade a uma **profecia** de forma coerente e com fundamento bíblico. Aquele que perde é obrigado a entregar os instrumentos musicais ao vencedor. Atualmente

te, em função das relações de **compadrio** entre os grupos, esse costume quase não é mais seguido, sendo substituído pela troca de ofertas, ou seja, o mestre derrotado dá a oferta que sua bandeira recolheu durante aquela noite:

Encontramos, encontramos,

Nesse canto de alegria.

Encontramos duas bandeiras,

E dois alferes de Folia.

A MÚSICA¹⁰

É um dos principais elementos da folia de reis, sendo chamada de toada, é organizada como **profecia**. As letras são inspiradas em passagens bíblicas como: a anunciação, o nascimento de Jesus, o nascimento de São João Batista e a fuga de Maria e José com Jesus. As **toadas** cantadas num tom choroso e triste em forma de coro comandado pelo **apito** do mestre. Os cantos são acompanhados por uma pequena banda que possui os seguintes instrumentos: acordeão, violão, viola, cavaquinho, pandeiro, chocalho, triângulo, caixa e zabumba. As batidas das folhas são enriquecidas

pela junção das vozes apelativas dos foliões, sendo a principal delas a **requinta**, que intensifica o tom choroso das toadas prolongando o final dos versos.

Quando a folia chega a uma casa, ainda do lado de fora do portão, canta uma **profecia** com o objetivo de acordar a família:

Acordai quem tá dormindo,

Deste sono tão profundo.

Na chegada dos Três Reis,

A vinda do Rei ao mundo.

Glória a Deus lá nas alturas,

Paz aos homens aqui na terra.

Estão louvando a Deus,

Até nas mais altas serras.

(Toada da Folia de Reis Missão Divina)

Após acender a luz e abrir a porta, o dono da casa vem receber os foliões, é nesse momento que a folia lhe oferece sua **bandeira**:

Vem pegar nossa bandeira,

Vai com ela lá pra dentro.

Nela está Jesus Menino,

E o Santíssimo Sacramento.

10 - As letras das toadas foram passadas pelos mestres de folia de reis entrevistados durante a pesquisa.

A bandeira já entrou,
 Nós podemos entrar também.
 Viemos te trazer as novas,
 Jesus nasceu em Belém.

(Toada da Folia de Reis Mensagem Divina)

Entrando na casa, o mestre canta
 a **profecia** que vai da anunciação ao
 nascimento de Jesus:

Vinte e cinco de março que o Anjo anunciou,
 Que ia haver Jesus no mundo,
 Era o menino salvador.
 Foi o Anjo Gabriel que foi embaixador,
 Que avisou todos os devotos,
 Que existia o Salvador.

Maria era pobrezinha,
 Morava em Nazaré.
 Era filha de Davi,
 Criada com poder e fé.

Foi vinte e cinco de dezembro,
 Da meia noite para o dia.
 Nasceu o filho de Deus,
 Filho da Virgem Maria.
 Zacarias pediu a Deus,

Que não desse filho a sua esposa Isabel.
 Mas Isabel fez a primeira promessa e recebeu,
 Apesar da sua idade, um filho Deus lhe deu.

Era aquele João Batista,
 Que um dia avisou ao mundo.
 Que com grande alegria,
 Nessa noite nasceria,
 O verdadeiro Messias.

São José e a Virgem Maria foram viajar,
 Chegaram em Belém para descansar.
 São José foi buscar água e ouviu bater o sino,
 Quando São José chegou havia nascido o menino.

Os Três Reis estavam dormindo,
 Naquele sono profundo.
 Sonharam que nascia em Belém,
 O Rei Salvador do mundo.

Foram juntos pra Belém,
 Consultaram seu destino.
 Souberam que José e Maria,
 Fugiram com o menino.

Foram andando no deserto,
 Foi uma estrela que os guiou.
 E em cima de uma cabana,
 A estrela pousou.

*A cabana era pequena,
Não cabia todos três.
Adoraram ao Deus Menino,
Cada um de uma vez.*

*Juntaram todos três,
Abriram seus tesouros.
Ofertaram Deus Menino,
Com mirra, incenso e ouro.*

(Toada da Folia de Reis estrela do Mar)

Depois de cantar a **profecia** da anunciação e do nascimento de Jesus os foliões deverão cantar para os santos de devoção da família que estiverem expostos em sua sala. Terminada a cantoria, o dono da casa oferece uma ceia que é compartilhada por todos. Depois de cear, a folia canta uma **toada** pedindo oferta para a **bandeira**:

*A bandeira pede oferta,
Mas não é por precisão.
E para cumprir uma promessa,
Que nós temos obrigação.*

*Vai pegar nossa Bandeira,
Que temos que viajar.*

*Levamos mensagens divinas,
E não podemos demorar.*

(Toada da Folia de Reis Mensagem Divina)

Dada a oferta, a folia agradece:

*Meu Senhor lhe agradeço,
E Deus lhe dê a benção.*

*Ele há de lhe dar em dobro,
O que vós deu a meus foliões.*

*E agradeço a bela oferta,
Que vós deu a nossa bandeira.*

*O meu Mestre Bandeiroiro,
Faça sua obrigação.*

*Pega ela e vai saindo,
Vai chamando os folião.*

*Meu senhor adeus, adeus,
Até quando aqui voltar.*

*Minha Bandeira se foi,
Eu tenho que acompanhar.*

(Toada da Folia de Reis Estrela do Luar)

Após esse momento, uma toada de despedida da bandeira da casa é cantada:

A bandeira se despede ai, ai.

A bandeira se despede,

Tão alegre e tão contente,

Tão alegre e tão contente ai, ai.

Pelo mundo vai dizendo,

Sua gente ai, ai.

Sua gente ai, ai.

Devotos fica com Deus, ai, ai,

Devotos fica com Deus,

Nesta hora de alegria!

Nesta hora de alegria ai, ai.

Deus lhe dê felicidade ai, ai,

Deus lhe dê felicidade,

Pro Senhor e a família ai, ai,

Pro senhor e a família ai, ai.

Senhor devoto, adeus, adeus ai, ai,

Nessa hora da benção ai, ai,

Se tiver alguém doente ai, ai,

Deus lhe dê a proteção ai, ai.

Despedindo-se da casa, a folia continua sua jornada noite afora.

A JORNADA

Assim como os Três Reis Magos saíram de Belém e noticiaram o nascimento de Jesus ao mundo, os foliões anunciam de casa em casa o nascimento de Jesus, através de profecias. Esse movimento é chamado de **jornada** que tem início à meia noite do dia vinte e quatro de dezembro hora em que, segundo a tradição cristã, a Estrela D'alva foi avistada pelos Reis do Oriente; encerrando-se ao meio dia de seis de janeiro, dia em que os Três Reis do Oriente encontram o menino Jesus, em Belém. A maioria das folias de Cachoeiro, a partir do dia seis de janeiro, troca suas **bandeiras** para a **bandeira** de **São Sebastião**, e continuam sua jornada até o dia vinte de janeiro, dia de São Sebastião. Detalhe importante é que a continuidade da **jornada** é feita de dia, das seis horas da manhã às dezoito horas, sem a presença dos palhaços. Após o término da **jornada** é feito o **arremate**, que na maioria das folias de reis não possui data fixa para acontecer, apesar de a tradição estabelecer

que seja feito no dia de **São Sebastião**.

Se durante a jornada, uma família não abrir a porta de sua casa, a folia segue batendo marcha para outra casa, sem criar problema. Entretanto, ressaltam os mestres, não é de bom agouro recusar a bênção das folias – a casa que recusa recebê-los passa por sete anos de azar.

*Meu senhor dono de casa,
Nós cantamos pra vocês.
Abram o coração e a casa,
Aqui estão os Santos Reis.*

*Meu senhor já estou anunciando,
Conforme Jesus nasceu.
Nasceu numa manjedoura,
Perseguido por um judeu.*

Os **palhaços** não podem passar do portão da casa. Agem como guardiões da folia. Se por acaso outra folia chegar, o **palhaço** vigilante tira a **máscara** e deita com as pernas e braços cruzados, este é o sinal que não há permissão para entrar, neste caso o mestre que está chegando deve pegar a máscara, entregá-la ao **palhaço** e pedir li-

cença para entrar, licença esta que só será dada pelo mestre que está dentro da casa, só então os grupos poderão combinar a entrada do grupo que está chegando. Dentro de uma casa, só é permitida a apresentação de uma folia por vez.

Ao encerrar a bênção, a folia pede a **bandeira** de volta e sai da casa. Nesse momento os palhaços brincam com versos e saltiteios, pedindo esmolas. A cada esmola a brincadeira e os versos são mais animados e descontraídos.

*A cachaça é feita da cana,
Da cana a cachaça é boa,
Quem bebe a cachaça,
O patrão, o empregado e a patroa.*

*Nego bebe a cachaça, depois fica rindo a toa,
A cachaça só é boa para quem sabe beber,
Bebe o pobre e bebe o rico,
Bebe pra a tristeza esquecer.*

*Adeus cachaça, adeus bebida mardita,
Que rouba a memória do rapaz e depois desacredita,
Fica o homem sem vergonha,*

*Pensando na jabirita.
Quem inventou a cachaça,
Teve uma ideia formosa,
No bebendo ficou tonto,
Viu a lua cor de rosa,
Deu o nome da mardita,
Aguardente milagrosa.*

(Versos do Palhaço Preferido,
Heberton da Costa)¹¹

Após esse momento, a folia de reis segue sua jornada noite afora buscando outras casas que os queiram receber.

A maioria dos foliões cumpre a **jornada** por algum tipo de promessa para os “Santos Reis” ou “Três Reis Magos” que a tradição popular tornou santos.

A INDUMENTÁRIA

As roupas utilizadas pelos **foliões**, chamadas de **fardamento**, variam de acordo com cada grupo e seu santo de devoção. Tradicionalmente a **farda** é composta por uma camisa de botão e calça comprida confeccionadas, geralmente, em cetim. As calças sempre possuem uma faixa lateral, de

outra cor. Tradicionalmente o **fardamento** é confeccionado nas cores dos presentes que os reis magos ofereceram a Jesus: amarelo, simbolizando o ouro; azul, simbolizando a mirra; e vermelho simbolizando o incenso.

A roupa do mestre é sempre diferente para que ele possa destacar-se dos demais. Um detalhe importante é que, sobre a camisa, ele utiliza sempre uma faixa, com o nome da folia de reis.

Os palhaços usam roupas sempre espalhafatasas. O tradicional chitão colorido e florido era o tipo de tecido mais utilizado; atualmente, o cetim nas cores vermelha e preta também é muito utilizado. Um detalhe importante da roupa do palhaço é a cruz bordada em tecido, uma na parte da frente (sobre o peito) e outra na capa que fica sobre as costas. Elas significam a proteção do grupo contra o mal.

A **bandeira** é o objeto mais sagrado da folia. Trata-se de um tecido sustentado por uma madeira na vertical e outra na horizontal, que vai à frente do grupo.

11 - Os versos aqui transcritos não são uma apologia ao álcool, foram apenas reproduzidos a partir de depoimento do Palhaço Preferido, da Folia de Reis Missão Divina de Burarama.

Sobre ela é obrigatória a presença da **Sagrada Família**. Algumas possuem outros santos de devoção ou fotografias de entes queridos. Normalmente são confeccionadas com cores fortes e adornadas com fitas coloridas e objetos natalinos. É comum que alguns moradores, por onde a **bandeira** passa, adicionem a ela algum objeto ou fita em sinal de devoção.

A **coroa** é uma espécie de chapéu que fica sobre a cabeça dos foliões. São enfeitadas com espelhos, guirlandas, fitas e objetos natalinos bem coloridos. São todas iguais, exceto a do mestre que destaca-se das demais.

A **máscara do palhaço** da folia de reis é confeccionada de couro de animal, normalmente de bode, por ser mais peludo. A intenção da **máscara** é proteger a identidade do indivíduo que a utiliza e assustar a todos. Algumas possuem chifres e dentes de animais que são adornados por enfeites natalinos.

O **cajado** do palhaço de folia de reis é produzido a partir de madeira, retirada

do meio do mato. Em sua ponta, normalmente, possui uma escultura grotesca representando o diabo.

O ARREMATE

Após o dia vinte de janeiro, ao fim da **jornada**, o mestre oferece uma grande festa que é chamada de **arremate**, tem como objetivo agradecer a Deus pela **jornada**, pelo ano de bênçãos e confirmar a promessa dos foliões. Para o **arremate** são convidados alguns grupos de folias que tem alguma relação de amizade com o mestre.

O **arremate** consiste na entrega da **máscara** e das roupas do palhaço, das **fardas** e dos instrumentos dos **foliões** a Nossa Senhora. Esta entrega é feita em um altar preparado na casa do **mestre**, local designado como "**a morada da bandeira**". Este altar é arrumado por uma mulher que cuida da **bandeira** e do **fardamento** dos foliões. O local da **morada da bandeira** também pode ser uma casa de oração, normalmente de religião de matriz africana, como a **umbanda**. Atualmente, em função da grande quantidade de visitan-

tes, os arremates são realizados em locais públicos como, por exemplo, ginásios de esportes ou mesmo na rua.

Os **arremates** tradicionais duram um dia inteiro, começando na parte da manhã e encerrando-se a noite. Na parte da manhã o povo da rua começa a se juntar ao redor da casa do **festeiro**, o mestre ou o guardião da **bandeira**. Por volta do meio dia é servido o almoço para todos os visitantes, entretanto, o almoço dos **foliões** é servido em uma mesa com 12 lugares, representando a última ceia de Jesus com os apóstolos. Os **palhaços** comem fora da mesa.

Após o almoço todas as folias visitantes tocam em frente a um presépio improvisado. O **arremate** acontece em espaços públicos ou em uma casa de oração, frente a um cruzeiro com todos os personagens da Sagrada Família. A última folia a se apresentar é a da casa que faz sua entrega na seguinte ordem:

1º) Os **palhaços**, um de cada vez se arrastam até o altar (ou cruzeiro) pedindo per-

ção por seus pecados. Após esse momento, o mestre ao som de todos os instrumentos e cantando **toadas** que contam o martírio de Jesus passa a **bandeira** em volta dele por sete vezes. Nesse momento, o **palhaço** retira sua máscara e suas roupas deixando-as ao pé do cruzeiro. Dessa maneira, ficam perdoados todos os seus pecados.

2º) Os **foliões**, um de cada vez, dirigem-se até o cruzeiro, ajoelham-se pedindo perdão por seus pecados. O mestre, ao som dos demais instrumentos, passa a bandeira em volta do folião por sete vezes. Nesse momento, o folião deixa seu instrumento e sua **farda** ao pé do cruzeiro – movimento que é feito por cada folião até que o último instrumento seja deixado ao pé do cruzeiro.

Após as entregas, já desprovidos dos fardamentos e com a missão cumprida, os foliões celebram, dançando e cantando, até a meia noite.

O MESTRE

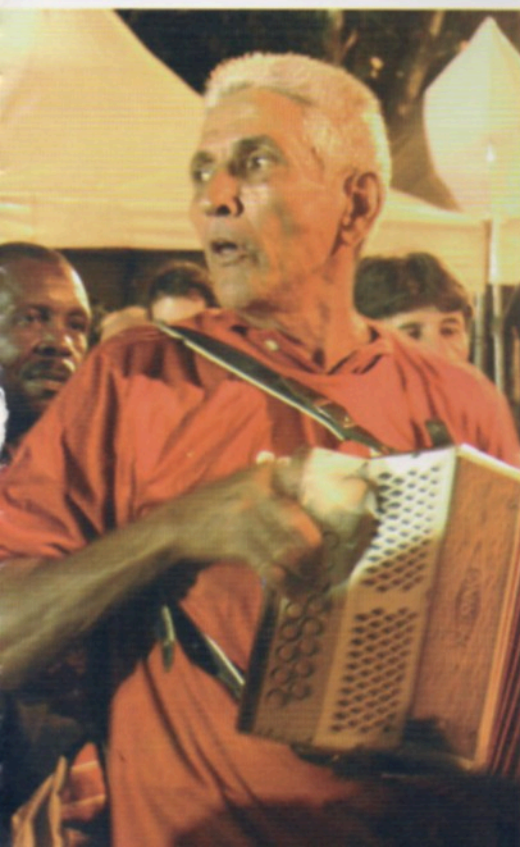
Ser **mestre** de folia de reis é uma missão, um chamado que só deverá ser deixado com a morte. Normalmente esse com-

promisso é passado de pai para filho ou mesmo a partir de uma promessa feita pelo folião. O **mestre** é um grande líder, inclusive espiritual. Muitas vezes essa liderança extrapola os limites da folia estendendo-se por toda a comunidade.

Ao **mestre** cabe a responsabilidade de dirigir o grupo, entoar profecias, desafiar outros **mestres**, convocar o grupo, caso haja convite para apresentação, e impor a disciplina. Deve ser um homem de caráter ilibado e ter pulso firme para manter o grupo sem "bagunceiros". No **mestre** há de se encontrar além da criatividade, o espírito de liderança que manterá todo o grupo unido. Seus comandos são sempre

feitos através de um **apito**.

As informações sobre a folia de reis, aqui transcritas, nos foram passadas por Areno Francisco dos Santos, mestre da Folia de Reis Mensagem Divina de Jacu, distrito de Burarama; João Inácio (em memória) e Rogério Vieira Machado, mestres da Folia de Reis Estrela do Mar do bairro Zumbi; Wilson Diniz Cecon e Herberton da Costa mestre e palhaço da Folia de Reis Missão Divina de Burarama; José Paulino da Silva, palhaço da Folia de Reis Santa Ana do bairro Zumbi; e Romilson da Conceição, da Folia de Reis Estrela do Luar do bairro Zumbi.



























6 - MACULELÊ



A ORIGEM DO FOLGUEDO

Introduzido no Brasil pelos escravos africanos, o maculelê sofreu forte influência indígena. Conta a lenda que em determinada aldeia africana um guerreiro cujo nome era Maculelê, estando como seu único defensor, uma vez que os demais guerreiros estavam em combate, sofreu ataque de uma tribo inimiga.

Maculelê, apresentando grande habilidade no ataque e na defesa, com apenas dois bastões de madeira, afugentou os invasores, surgindo aí a tradição cultural da luta e dança maculelê.

Na África, a dança era praticada com bastões denominados **grimas**. Chegando ao Brasil, começou a ser praticada dentro dos canaviais, assim as grimas foram substituídas por pedaços de cana de açúcar ou facões. Os cânticos eram entoados em iorubá, língua banto-angolana.

Apesar de sua origem ser vinculada ao orixá Oxossi, com as influências exercidas pelo catolicismo, a santa mais cultuada

passou a ser **Nossa Senhora dos Navegantes**, também identificada na umbanda e no candomblé como **Iemanjá**:

*Mas hoje é dia de Nossa Senhora,
Imaculada por todos nós,
Arandahê, ê, ê, arandahê, ê, a.*

No Brasil, de acordo com a tradição oral, o folguedo teve origem em Santo Amaro da Purificação, na região do Recôncavo Baiano, sendo que seu maior mestre e difusor foi "Popó do Maculelê".

A música¹²

Os atabaques e as músicas comandam o ritual, do início ao fim. A primeira música é uma louvação, a qual os praticantes ouvem atentamente e respondem em coro:

*Sou eu, sou eu, sou eu, maculelê sou eu,
Sou eu, sou eu, sou eu, maculelê sou eu,
Nós somos filhos de Cabinda e de Luanda,
A Conceição viemos louvar,
Ô lalaê ê ê, ô lalaê ê a.*

No meio do ritual, cânticos populares

12 - As letras de todas as músicas foram passadas pelos mestres de capoeira e maculelê entrevistados durante a pesquisa.

que contam a história do próprio folguedo trazem em seu bojo traços mistos da cultura indígena e africana. Ao final da roda a música mais cantada é:

Você bebeu jurema, (bis)

Você se embriagou.

Com a força do mesmo tombo,

Vosmiscê se alevantou.

Sai, sai ô boa noite meu senhor,

Sai, sai, ô boa noite minha senhora,

Sai, sai, ô boa noite pra Angola,

Sai, sai, ô boa noite pra Cabinda,

Sai, sai, ô boa noite pra Luanda.

(ao final da dança também podem ser usados nomes das pessoas que estão na roda)

Tradicionalmente, apenas homens praticavam o maculelê; atualmente, as mulheres são aceitas.

Os instrumentos utilizados são três **atabaques rum** (grande), **rumpi** (médio), **lê** (pequeno) – os mesmos utilizados pelo candomblé.

A DANÇA

O maculelê é uma dança guerreira de ataque em que se utilizam facões. Os praticantes entram no jogo, dois a dois, em movimentos circulares, das extremidades para o centro, batendo suas grimas ou facões. Um bate (ataca) e o outro se defende.

A INDUMENTÁRIA

Quando praticado de maneira tradicional, a **indumentária** do maculelê é uma saia de sisal. São feitas pinturas tribais, na cor branca, pelo corpo. Os homens se apresentam sem camisa, as mulheres com um top.

A FESTA

No município de Cachoeiro de Itapemirim não existe uma data específica para a festa do maculelê, uma vez que o folguedo é praticado juntamente com a capoeira. Normalmente, os grupos apresentam-se durante os batizados dos grupos de capoeira.

O MESTRE

Para tornar-se mestre são necessários trinta anos de prática. É o mestre quem comanda a roda e dá todas as instruções para que ela aconteça. É ele quem puxa as músicas e também quem resolve qualquer contenda que possa acontecer entre os lutadores.

As informações sobre os folgedos aqui transcritas nos foram passadas pelos mestres Aldeci Gomes da Silva – Falcão, da Associação Desportiva e Cultural Navio Negroiro; Diogo Sant’Ana Fardin – Bulldog, da Associação Cultural Mocambos Capoeira; e pelo instrutor Joadir de Oliveira – Nego Show Associação de Cultura e Esporte Libertação.













7 - SAMBA DE RODA



A ORIGEM DO FOLGUEDO

O Samba de Roda foi um dos grandes responsáveis por camuflar a capoeiragem, no período colonial. Quando os senhores e feitores se aproximavam das rodas de capoeira as mulheres, para disfarçar a luta, tomavam frente e começavam a sambar como no lundum, ritmo africano considerado o ancestral do samba. "Não seu feitor, isso não é briga, é dança de nego nagô".

*Ê samba no mulé,
Ô mulé, mulé bicho danado,
Tá nas água falada,
Marido não tem em casa,
Mulé dá pra brigá.
(Mestre Falcão)*

O lundum chegou ao Brasil nos porões dos navios negreiros e dele derivou-se a diversidade de folguedos dançantes como maracatu, jongo, caxambu, tambor de crioula, umbigada, congo, samba de roda, dentre outros.

O samba de roda é uma mistura das tradições africana e européia, principalmente

portuguesa e espanhola. No sul do Espírito Santo, chegou junto com a capoeiragem, pelo porto e pela linha férrea.

A tradição difundida pelos mestres estabelece que as rodas de capoeira terminem em samba de roda, para amenizar alguns mal entendidos acontecidos durante o jogo.

A MÚSICA¹³

O ritmo do samba de roda era marcado apenas por palmas e atabaques. Hoje, além dos **atabaques**, também são usados: **pandeiro**, **berimbau**, **agogô** e **xequerê**.

*Samba lelê, tá doente,
Tá com a cabeça quebrada,
Samba lelê, precisava,
É de umas boas palmadas,
Samba, samba, samba ô lelê,
Quebra, quebra, quebra, ô lalá
Desce, desce, desce, ô lelê.*

Outra modalidade do samba de roda é o samba duro, só os homens dançam no ritmo do batuque. Originalmente, eram usados apenas os pandeiros; e as cantigas

13 - As letras de todas as músicas foram passadas pelos mestres entrevistados durante a pesquisa.

eram feitas em forma de versos improvisados, desafiando o adversário – o que mais tarde veio a se chamar “cantiga de martelo” ou “cantar martelo”.

Ô lê, lê, lê, lê, ô lê, lá, lá, lá, (bis)
Ô Você não me pega e nem eu te pego,
Você só me pega quando eu te pegar.

A DANÇA

Trata-se de uma dança de roda, dançada sempre em pares. A roda é comandada por um mestre com um chapéu estilo Panamá. Outro chapéu é revezado entre os brincantes. Ao centro da roda somente pode entrar um casal por vez. Assim que o casal sai, outro toma seu lugar.

Quando participam somente homens – samba duro – ao receber o chapéu, o brincante entra na roda sambando, após algum tempo passa seu chapéu para outro brincante até que todos participem da roda.

A INDUMENTÁRIA

Somente o mestre usava chapéu, terno

de linho branco e sapato, os demais brincantes, brincavam sem camisa e descalço. Atualmente, os homens usam calça branca e camisa listrada, que pode ser branca e preta ou branca e vermelha. Essas cores os identificam com a malandragem carioca; já o chapéu é uma característica européia.

Mulheres usavam saia longa, rodada e turbantes, roupa do dia a dia das negras. Hoje, usam saia longa rodada, top e tiara no cabelo.

A FESTA

Não existe uma data específica para a realização de uma festa para este folguedo. Em Cachoeiro, as rodas tradicionais terminam com samba de roda.

O MESTRE

Não existe entre os praticantes do samba de roda a denominação de mestre. O que acontece é que como ele é praticado ao final das rodas de capoeira, acaba sendo comandado pelo mestre do grupo.

As informações sobre os folguedos aqui transcritas nos foram passadas pelos mestres Aldeci Gomes da Silva - Falcão, da Associação Desportiva e Cultural Navio

Negreiro e pelo instrutor Joadir de Oliveira - Nego Show Associação de Cultura e Esporte Libertação.













8 - PUXADA DE REDE



A ORIGEM DO FOLGUEDO

A puxada de rede é um ritual de celebração ao dia **Nossa Senhora dos Navegantes**, também identificada como **Iemanjá**. Segundo a tradição oral, sempre no dia dois de fevereiro quando os escravos eram obrigados pelos feitores a ir pescar, durante o trajeto da senzala até o mar, eles iam cantando versos em forma de oração, pedindo que Nossa Senhora que lhes desse êxito na pesca para que eles não voltassem de mãos vazias e assim, pudessem escapar de ser castigados pelos feitores.

Em Cachoeiro, o folguedo chegou junto com os escravos das fazendas litorâneas que, após a decadência do cultivo da cana de açúcar, foram transferidos para as fazendas de café ainda no século XIX, quando a cultura ganhou força na região. Mesmo distantes do mar, os escravos continuaram praticando a puxada de rede, não somente em louvor à **Iemanjá**, mas em memória aos sofrimentos de seus antepassados. Atualmente a prática se dá juntamente com os

grupos de capoeira, em especial o Grupo Navio Negroiro.

A MÚSICA¹⁴

As músicas são sempre em louvor à **Nossa Senhora dos Navegantes**, entretanto, também fazem menção à "**Rainha do Mar**" ou à "**Mãe Sereia**", qualidades atribuídas à **Iemanjá**. As músicas são acompanhadas por dois ou três atabaques de sons diferentes.

*Eu vou pro mar para jogar a minha rede,
E muitos peixes eu quero pegar,
Eu vou pedir a minha mãe sereia,
Que é pra ela me ajudar,*

*Sou pescador moro nas ondas do mar, (bis)
De longe eu vi uma jangada balançando,
Ai eu fiquei pensando o que é que tinha lá,
Uma sereia ela dizia assim:
Venha logo pescador, venha pra perto de mim. (bis)*

O RITUAL

Por tratar-se de um ritual profano-religioso a performance da puxada de rede remonta aos movimentos de lançamento e

14 - As letras de todas as músicas foram passadas pelos mestres entrevistados durante a pesquisa.

puxada de uma rede de pesca e também de cata e transporte dos peixes. São movimentos simples e coreografados que somente os homens podem praticar.

A INDUMENTÁRIA

Os homens usam apenas calças compridas brancas, dobradas na canela, com chapéu de palha de aba longa. Elementos importantes são a corda de sisal e a rede, como forma de representar a pescaria dos escravos, no mar.

A FESTA

O folguedo tem seu principal evento no dia de Nossa Senhora dos Navegantes que é o mesmo dia de Iemanjá, dois de fevereiro. Registros antigos do folguedo dão conta de grupos que nessa data seguiam até a Barra de Itapemirim, hoje município de Maratáizes, para participarem da procissão

marítima que acontecia todos os anos. Atualmente, como o folguedo é praticado juntamente com a capoeira, as representações costumam acontecer durante os batizados dos grupos.

O MESTRE

Por ser muito pouco praticado em Cachoeiro, a estrutura convencional de mestres que têm como função repassar os conhecimentos para os demais brincantes não existe - o que acontece, normalmente, é que os conhecimentos são transmitidos pelos mestres de capoeira.

As informações sobre o folguedo aqui transcritas nos foram passadas pelos mestres Aldeci Gomes da Silva - Falcão, da Associação Desportiva e Cultural Navio Negreiro e pelo instrutor Joadir de Oliveira - Nego Show Associação de Cultura e Esporte Liberdade.









GLOSSÁRIO



Com o objetivo de facilitar a compreensão do texto, foram escolhidos alguns dos termos utilizados pelos mestres e brincantes dos folguedos estudados para compor este glossário. Trata-se de um vocabulário muito específico dessas comunidades e que poderão variar em outras regiões ou mesmo entre os próprios grupos das mesmas manifestações.

Buscamos facilitar a compreensão do leitor, realizando um registro temporal desses termos que, em função da dinâmica de transmissão oral do folclore, certamente modificar-se-ão no futuro.

Agogô: Espécie de sino duplo sem badalo utilizado na capoeira e no candomblé. Na África era utilizado como instrumento litúrgico-fúnebre.

Ancestral: Nome que se atribui a um ascendente já morto ou que se localiza à várias gerações anteriores na representação gráfica da árvore genealógica;

Apito: Instrumento sonoro utilizado por diversos folguedos. É através de seu som que os grupos retomam a ordem da marcha e mudam o ritmo das toadas ou pontos cantados. Apenas o mestre tem a função de utilizá-lo. Alguns apitos de mestres antigos, já falecidos, são guardados como relíquias pelos novos mestres.

Arremate: Evento realizado pelas folias de reis que tem como função agradecer aos "Três Reis Magos", a Nossa Senhora e a Deus, todas as bênção recebidas pelos foliões durante a jornada e também durante o ano que passou. Tradicionalmente acontece no dia de São Sebastião, vinte de janeiro, ou fim de semana mais próximo.

Atabaque: Instrumento de percussão utilizado no candomblé, na capoeira, no maculelê, na puxada de rede, no samba de roda e também em alguns grupos de caxambu e jongs. De madeira, o instrumento possui formato cilíndrico, sendo oco. Em uma das extremidades é fixado um couro de boi ou bode. No candomblé são utilizados três atabaques de tamanhos diferentes, sendo que a percussão é feita com baquetas (aquidavi), no maculelê também são utilizados três atabaques que são tocados com as mãos, já na Capoeira, tanto na Angola como na Regional, é utilizado apenas um atabaque que também é tocado com as mãos.

Bandeira: Tecido sustentado por uma madeira na vertical e outra na horizontal (na forma de uma cruz) que vai a frente de diversos grupos folclóricos. É considerada, pelos grupos, um objeto sagrado, esse

é o motivo pelo qual todos os integrantes a reverenciam, ora ajoelhando-se, ora beijando-a. Nos bate flechas, as bandeiras tem imagens dos santos de devoção, normalmente São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, além do nome da casa de oração a que o grupo pertence pintado ou bordado. Nas folias de reis a bandeira vem a frente do grupo e possui a imagem da sagrada família além de diversos adereços que são inseridos nas casas por onde passam. Na Charola de São Sebastião a bandeira possui imagens de São Sebastião.

Bandereiro: Indivíduo que leva a bandeira do grupo. Ser bandereiro é uma grande honraria em função de ser a bandeira um objeto sagrado. Personagem importante principalmente nos grupos de folia de reis e de charola de São Sebastião.

Bata: Blusas femininas, com um cumpri-

mento maior que o normal. São soltas na cintura e geralmente feitas de tecidos leves;

Bênção: Ação de benzer ou de abençoar, “A mão de Deus sobre nós.”

Berimbau: Instrumento utilizado pela capoeira que pode ser de três tipos: gunga que tem o som grave é responsável pela marcação do toque de Angola, sua característica e de ter a cabaça grande; médio, que produz um som intermediário, nem tão grave, nem tão agudo, que faz a marcação no toque de São Bento Pequeno, possui uma cabaça média; e viola, que é o berimbau de som agudo responsável pelas evoluções, viradas e floreios no toque, sua característica é ter a cabaça pequena.

Cabaça: É o fruto da cabaceira, espécie de abóbora d’água, que é utilizado na confecção do berimbau, funcionando como

uma caixa de ressonância. O som produzido pelo berimbau depende do tamanho da cabaça, quanto maior mais grave é o som.

Caixote: Instrumento rudimentar que deu origem aos tambores dos grupos de caxambu.

Campo flecheiro: É o espaço de celebração dos praticantes da religião umbanda ou “espírita exoterista”, onde é praticado o bate flechas de São Sebastião, normalmente em volta de um cruzeiro.

Candomblé: Religião de matriz africana onde se cultua os orixás, divindades que são guardiões da natureza. Organiza-se a partir do conceito de “família de santo” onde o pai ou a mãe (zelador de santo) é a maior autoridade que tem como missão cuidar de toda a “família de santo”.

Candongo: Maior tambor do caxambu, normalmente é aquele, que segundo os "tocadores", "chama" o candongueiro. É feito de madeira ocada retirada da mata e possui em uma de suas extremidades preso com pregos em um desenho que lembra um rendado, couro de boi. Quando os tambores eram utilizados nos trabalhos da umbanda o mesmo podia ser também de gato, porco ou preguiça de acordo com a intenção do "trabalho" a ser feito. Em alguns grupos recebe o nome de caxambu.

Candongueiro: Menor tambor do caxambu, normalmente é aquele que segundo os "tocadores", "responde" o candongo ou caxambu. É feito de madeira ocada retirada da mata e possui, em uma de suas extremidades preso com pregos em um desenho que lembra um rendado, couro de boi. Quando os tambores eram utilizados nos trabalhos da umbanda o couro podia

ser também de gato, porco ou preguiça de acordo com a intenção do "trabalho" a ser feito.

Caxambu: Manifestação cultural de origem negra que recebeu grande influência do catolicismo popular e que até meados do século XX estava vinculado a rituais mágicos.

Caxambuzeiro: Integrantes dos grupos de caxambus, também chamados de jongueiros.

Centro: Local onde são realizados os trabalhos espirituais das religiões de matrizes africanas, em especial a umbanda. Também recebem o nome de terreiro, casa de oração ou barracão. É composto de um espaço interno onde destaca-se o altar em uma das extremidades e, em algumas casas de oração, uma grande mesa com dois ban-

cos localizados no meio da construção. Na parte externa, próximo ao acesso principal, destaca-se a presença de um cruzeiro.

Compadrio: Relação de amizade e parceria que é estabelecida entre integrantes de grupos folclóricos co-irmãos.

Contramestre: É o segundo na hierarquia dos grupos de folia de reis, charola de São Sebastião e capoeira. Integrante apto a substituir o mestre em suas faltas ou impedimentos e, após seu falecimento, é seu substituto natural.

Cruzeiro: Elemento de destaque, localizado principalmente no espaço externo dos centros de umbanda ou “espíritas exoteristas”. Representam a lembrança do Cristo crucificado.

Diretor: Aquele que comanda os traba-

lhos de um centro espírita.

Farda ou Fardamento: Nome dado às roupas que são usadas pelos integrantes das folias de reis e da Charola de São Sebastião. São utilizadas cores fortes como azul, vermelho e amarelo, sendo confeccionadas em cetim. A farda dos palhaços que tradicionalmente era feita de chitão, atualmente também é feita de cetim, predominando as cores vermelho e preta.

Festeiro: É o responsável pela organização de uma festa, normalmente o mestre do grupo.

Flecha: Instrumento de madeira de aproximadamente 60 cm, feita de galho de “cafezinho do mato”, é utilizada para marcar o ritmo das batidas dos grupos de bate flechas de São Sebastião. São originárias de flechas indígenas.

Folguedo: Festa popular ou brincadeira de origem folclórico-religiosa que tenha como característica a presença de dança, música e a representação de auto popular. Entre os mestres de folclore também é identificado como grupo folclórico.

Iemanjá: Orixá identificada no candomblé como a “Rainha do Mar” e na umbanda, como a “Deusa das Águas e Padroeira dos Naufrágios”, sendo também identificada como Nossa Senhora dos Navegantes. Seu dia é comemorado em 2 de fevereiro.

Indumentária: Vestimenta, uniforme ou fardamento dos grupos folclóricos.

Jongo: Verso improvisado “tirado” pelos jongueiros, que tem como tema a fé e o cotidiano dos caxambuzeiros.

Jongueiro: Integrantes dos grupos de

jongo ou caxambu, também chamados de caxambuzeiros.

Jornada (Bate Flechas): Peregrinação que o fiel deve fazer durante o ano, fruto de uma promessa a seu santo de devoção. Se não for cumprida a “corrente” é quebrada e o jornaleiro passará um ano de muitas dificuldades até que a promessa seja cumprida.

Jornada (Folia de Reis e Charola de São Sebastião): Peregrinação feita pelos foliões de casa em casa a procura do Menino Jesus que acabara de nascer. Nas folias de reis, inicia-se à meia noite do dia 24 de dezembro e encerra-se no dia 6 de janeiro, somente no período noturno, de 18 horas às 6 da manhã. Nas folias de São Sebastião e na charola de São Sebastião iniciam-se ao meio dia do dia 6 de janeiro e encerram-se ao meio dia do dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, sempre durante o dia e sem

a presença dos palhaços.

Jornaleiro: Fiel que cumpre a jornada.

Lê: Atabaque pequeno utilizado nas rodas de candomblé e de maculelê, a diferença é que no candomblé é tocado com baquetas (aquidavi) e no maculelê com as mãos.

Máscara de Palhaço: Objeto sagrado-maldito, utilizado para esconder a identidade do palhaço de folia de reis. Confeccionada com couro de bode e decorada com objetos natalinos, com chifres e dentes de animais.

Menino Jesus de Praga: Estátua do Menino Jesus venerada na Igreja de Nossa Senhora Vitoriosa na cidade de Praga, República Checa. Com fama de milagrosa foi disseminada por todo o mundo católico, sendo muito cultuada também por adeptos

da religião umbanda.

Mestre: O mais importante integrante na hierarquia de um grupo folclórico. Necessariamente não é o mais velho, mas aquele que detém a maior autoridade e conhecimento dos mistérios do folguedo. Para ser mestre é necessário que seja um grande líder.

Misticismo: É a busca da comunhão com a identidade, com a consciência de uma realidade, divindade ou verdade espiritual.

Morada da Bandeira: Local onde a bandeira de um grupo folclórico é guardada. Pode ser em um cômodo especial na casa do mestre ou de um dos integrantes do grupo ou mesmo em uma casa de oração.

Nossa Senhora Aparecida: Um dos nomes dados à Maria mãe de Jesus. Santa pa-

droeira do Brasil cultuada tanto pelos católicos como pela umbanda.

Nossa Senhora da Conceição: De acordo com a tradição católica, no dia oito de dezembro Maria Mãe de Jesus teria sido concebida sem a “mancha do pecado original”. Em função do grande sincretismo religioso, a umbanda também cultua a santa como Oxum, que cuida das águas doces e que, como grande mãe, protege as crianças. A puxada de rede nada mais é que uma louvação a Nossa Senhora da Conceição.

Nossa Senhora dos Navegantes: Identificada pelos umbandistas como Iemanjá, a rainha do mar, tem seu dia comemorado em dois de fevereiro.

Obreiro: Servo de Deus, aquele que deve ensinar a pura palavra de Deus.

Oxossi: É um dos mais populares orixás do candomblé por ter se tornado rei da nação Ketu. Na umbanda é cultuado como cabloco flecheiro que ia caçar com uma flecha só por ter uma mira certa.

Palhaço: Um dos mais importantes personagens da folia de reis, tem significado controverso: representa o mal – soldados que cumprindo a ordem do Rei Herodes mataram os recém nascidos, e o bem – soldados que não cumpriram a ordem do Rei Herodes e ajudaram Maria e José a fugirem com o Menino Jesus para que ele não fosse morto pelos outros soldados.

Pandeiro: Instrumento musical que acompanha a marcação rítmica de outros instrumentos. Na capoeira, é utilizado o pandeiro de couro com aro de madeira que produz um som diferenciado, mais forte.

Pontos: Um dos mais importantes elementos do culto da umbanda, são cantados em louvor às “entidades trabalhadoras” – entidades espirituais que realizam os trabalhos de cura, aconselhamento e expiração.

Profecia: Passagens bíblicas que contam a história do nascimento do Menino Jesus. São cantadas pelos grupos de folias de reis através de toadas. O termo também é usado para as músicas da charola de São Sebastião que contam a vida e o martírio do santo.

Reco-reco: Instrumento de madeira que tem como função melhorar a harmonia do ritmo nas rodas de capoeira.

Requinta: Segunda voz fina e chorosa das folias de reis e da charola de São Sebastião. A função do requinteiro é prolongar as últimas palavras dos versos, dramatizando ainda mais a toada.

Ritual: Conjunto de regras como etiqueta, praxe, protocolo. Pode ser executado por uma comunidade inteira. Incluem vários ritos de adoração e sacramentos de uma religião.

Rum: Atabaque grande utilizado nas rodas de candomblé, capoeira e maculelê, a diferença entre eles é que no candomblé é tocado com baquetas (aquidavi) e nos demais com as mãos.

Rumpi: Atabaque médio utilizado nas rodas de candomblé e de maculelê, a diferença entre eles é que no candomblé é tocado com baquetas (aquidavi) e no maculelê com as mãos.

Sagrada Família: Pela tradição católica a família composta por Jesus, Maria e José.

São Bento Pequeno: Nome dado ao to-

que de berimbau usado em jogo amistoso de capoeira.

São Jorge: Um dos santos mais cultuados pelo catolicismo, foi também adotado pela umbanda, sendo mais conhecido como "São Jorge Guerreiro" e tem seu dia comemorado em 23 de abril.

São Sebastião: Também chamado de "Mártir São Sebastião" é santo cultuado pelos adeptos da umbanda e também o fundamento dos folguedos "bate flechas de São Sebastião" e "charola de São Sebastião". Também muito cultuado pelas folias de reis que realizam seu arremate no dia vinte de janeiro, dia do santo.

São Cosme e São Damião: Cultuados pela igreja católica no dia vinte e seis de setembro e pela umbanda no dia vinte e sete de setembro, os santos dedicaram suas

vidas aos necessitados, recebendo o pseudônimo de "médicos de Deus". O dia de Cosme e Damião é celebrado também pelo Candomblé com uma festa dedicada aos erês (crianças). Na umbanda são associados aos ibejis, gêmeos amigos das crianças que têm a capacidade de atender qualquer pedido que lhes é feito em troca de doces e guloseimas.

Tambor: Nome popular de uma árvore que ao morrer, seu cerne apodrece antes da casca, sendo ideal para a confecção de tambores. Instrumento musical utilizado pelos grupos de caxambu, sendo que o maior também é chamado de Candongo, aquele que "chama", e o menor de candongueiro, aquele que "responde".

Terreiro: Termo usado não só para designar local de trabalho e secagem de café, mas também para casas de oração das reli-

giões de matrizes africanas.

Toada: Música cantada pelas folias de reis e pela charola de São Sebastião, composta de versos simples e curtos que contam a história do nascimento de Jesus e peregrinação dos três reis magos e também a história da vida e do martírio de São Sebastião.

Toalha de Santo: Toalha no formato de um cachecol que é utilizada no pescoço dos homens que praticam o bate flechas. A toalha só é utilizada por aqueles que possuem uma posição hierárquica superior no grupo. Sua cor padrão é branca com rendas nas extremidades e bordados com símbolos cristãos na cor vermelha, mas que também pode ser verde ou azul.

Três Reis Magos: Segundo tradição cristã, os reis Belchior, Baltasar e Gaspar visitaram Jesus no dia 6 de janeiro trazendo-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. As folias de reis refazem o caminho dos três reis do oriente à procura do Menino Jesus.

Umbanda: Religião criada no Brasil que reúne elementos de diversas outras religiões como o catolicismo, o espiritismo, além do candomblé e diversas outras religiões de matrizes africanas.

Xequerê: Instrumento feito de cabaças secas envolvidas com uma rede contendo miçangas, sementes ou búzios.

Zabumba: Tambor confeccionado de pranchas de madeira ou de metal. Sua pele pode ser de couro ou de naylon;





ISBN 978-85-65435-00-0



9 788565 435000

